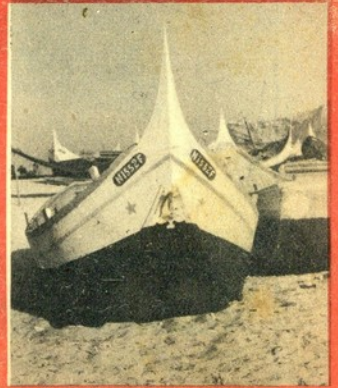


NÊSTE NÚMERO



Está entre nós um pintor espanhol de grande classe!
(Ver entrevista na pág. 6)



A Nazaré, com as suas proas erguidas para o céu é uma lenda e uma sugestão.
(Ler pág. 9)



Sabe quem é esta linda mulher do cinema americano?
(Leia-lhe o nome na pág. 3)



Cláudia
-0 NOV 1999



28-A-
VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 195
8 DE FEVEREIRO DE 1945
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

Maria Eugénia, vedeta de cinema e artista da Rádio, apresentou-se recentemente em Coimbra. Vamos vê-la e ouvi-la de novo no cinema?

(Foto A. Miranda)

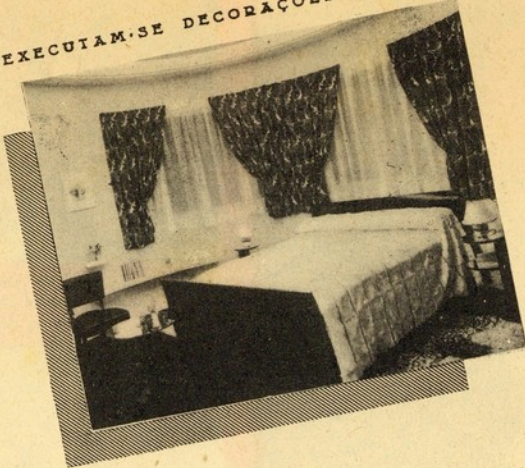
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Móveis
Decorações

VM

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR

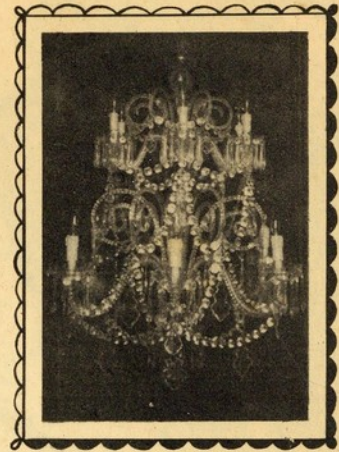


PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L.^{DA}

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 2 8551

* LUSTRES *



APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-
JOURS * CANDELABRÓS * CANDIEI-
ROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

VM



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
19,30	30,9	19,5	23	39,6
19,45	23	39,6		
21,45	23	39,6	49,6	
às				
22,15				

Ouça o locutor JORGE ALVES às 19,30

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por
intermédio da «B. B. C.», todos os dias das 18,45 às 19,00.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - » 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - » 4 1189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - » 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA

FITAS FALADAS

Odeon e Palácio: "A vida de Jack London"

Tivoli: "Ela e os milhões"

POUÇOS escritores terão uma vida tão acidentada como Jack London. A sua biografia, a história dos seus amores, a ânsia da aventura que o levou a cruzar mares e desbravar continentes — mais parecem o argumento de um filme do que o relato humano de romance vivido. Por estranha ironia do destino, Hollywood falou quando nos quis contar em imagens a existência aventureira deste escritor, réplica «yankee» de Rudyard Kipling, e que muitos consideram, até certo ponto, o exemplo típico do americano, no conjunto dos seus defeitos e das suas virtudes.

Pela própria diversidade dos locais que percorreu, pela sua existência nômade, o filme tinha que ser variado, dinâmico e febril. Os autores do manuscrito, em face do escolho, não o souberam rodear, e deram-nos uma obra que se desenrola aos soltões, cortada de «founds», sem beleza cinematográfica e sem continuidade. De todos os artifícios da técnica, a «fusão» é a mais anti-cinematográfica. Ocorre-nos o reparo de uma criança, que ao ver as imagens a escurecem, para dar lugar a negra pausa que divide duas seqüências, interrogava, ansiosa: «se a fita se tinha partidos». «A vida de Jack London» é o exemplo típico da película que está sempre a quebrar-se, por virtude das fusões que a entrecortam a cada passo. «Quadros da vida de Jack London», melhor se poderia chamar-lhe.

E, no entanto, o filme tem interesse. Interesse que provém, em linha directa, do espantoso assunto que foca. Aquêles que admiram os livros do famoso romancista, que tão bem nos soube contar os dramas das almas rudes e interpretar o estranho mundo da Natureza, «repórter» no mais nobilitante sentido da palavra, não-de gostar de adivinhar, através de determinadas cenas, como nasceram algumas das suas obras imortais, como, por exemplo, esse admirável «Call of Wilde», escrito no meio das montanhas geladas, e «The Sea Wolf», que ainda há pouco vimos no cinema com Edward G. Robinson no protagonista.

Mas com uma figura apaixonante.



Fred Mac Murray e Joan Crawford no filme «insuspeitos», uma história de espionagem cuja acção se desenrola no coração da Alemanha, durante a presente guerra.

com a história admirável de um homem que foi marinheiro nas águas polares, contrabandista, pesquisador de ouro, jornalista — sempre de um lado para o outro em busca do próprio destino — o cinema deu-nos uma obra parada, sem realismo e sem nervo, duas características que seriam primaciais para a contar.

De Michael O'Shea diremos que não sonhávamos assim Jack London. Talvez fisicamente, a imagem corresponda à realidade. Mas não se pôde transmitir, ou sugerir sequer, o espírito de um homem que soube compreender e interpretar os mistérios sublimes da Natureza.

* * *

«Ela e os milhões» é uma história cor-de-rosa, um romance de capa de azul. «A Gata Borracheira» contada ao gosto da mocidade americana: um aviator em lugar de príncipe lendário e a filha do milionário a fazer-se passar por discreta dama de companhia daquela que, na vida real, e em relação a si própria, desempenha tais funções.

Filme amável e risonho, pertence ao número de certas películas que não têm conseqüências — e se esquecem facilmente. Nem se faz lembrar, tempos depois, pelo que nos agradou, nem pelo que nos desagradou. E distrair, entretém, por vezes diverte, por obra e graça de Laraine Day, a enfermeira «Mary Lamont» dos filmes de «Kildare» e que, pelos vistos, tem agora um futuro mais brilhante à sua frente.

Só os americanos sabem fazer filmes com assuntos assim. Porque, em boa verdade, não vivem d'ele. Mas dos «apports» que lhe dão sabor. Uma molha intempestiva num jardim. Dois espirros. E aí temos uma seqüência graciosa e feliz: a preparação do «ponches», a que não falta o atractivo da lâmina da espada em brasa...

«Ela e os milhões», como os povos felizes — não tem história. Anotemos a reacção do público: um sorriso permanente, cortado por meia dúzia de gargalhadas. E é tudo.

F. F.

CINEMA



Barbara Hale está a interpretar, actualmente, em Hollywood, um filme que se intitula «Heavenly Days» — «Dias Celestiais». Ao vê-la tão linda, com este «maillot» florido, o chapéu de palha a emoldurar um sorriso que vale uma chapada de sol, compreendemos perfeitamente que Barbara Hale só poderia tomar parte num filme onde os dias fôsem realmente celestiais...

PLANOS DE MONTAGEM

Depois do Carnaval, estrelam-se os filmes portugueses recentemente concluídos. «Um Homem às Direitas» será apresentado, simultaneamente, no Condes e no Politeama. «A Noiva do Brasil» já tem data marcada no Tivoli: 19 de Fevereiro. Quanto à «Vizinha do Lado», ainda nada se sabe, mas afirma-se que a estrela se efectuará no Condes. Também depois do Carnaval, em data que depende do acabamento da versão portuguesa, teremos «Inês de Castro», de Leitão de Barros, no São Luís. As nuvens de fumo, lançadas pela «camouflage», dissipam-se, pouco a pouco...

* Leitão de Barros ainda não tem projectos definidos, quanto ao seu próximo filme. Mas a hipótese de «Escândalos em Férias», não parece reunir probabilidades imediatas.

* O quadro de «Inês de Castro» na «Festa da Mouraria» foi suprimido, atenta a reacção do público de estreia. Aviso aos autores que gostam de meter o cinema a ridículo — neste caso, antes de tempo...

«Precisa-se um Ladrão» é o primeiro filme de «Produções Arbués Moreira». Argumento de Silva Tavares e Francisco Mata. Realização de Jorge Brum do Canto. Dentro de breves semanas, começarão as filmagens nos estúdios da Companhia Portuguesa de Filmes.



Há quem diga que Maria Montez é como os cisnes — tem a inteligência da sua beleza. Querem afirmar, com isto, os maldizentes, que lhe falta o fogo sagrado, o talento criador e artista. Pela nossa parte, limitamo-nos a recordar que o mesmo se disse de Dorothy Lamour. E, afinal, hoje ninguém se lembra das críticas de outrora. Maria Montez, enquanto souber olhar assim, na ativa confiança da sua beleza, não tem que se preocupar com o futuro da sua carreira.

As raízes da terra

As raízes que o homem cria na terra são tão fundas que jamais, depois que o tempo surge a transplantá-las, consegue libertar o ser do meio que o cria. Por isso pode considerar-se o homem um simples produto dessa terra, com as suas taras psicológicas, as suas tendências e as suas insuspeitas fórmulas ditadas pelo ambiente. E é assim que o homem transplantado — jamais se suplantará, ainda mesmo que, com as magníficas condições de adaptação do português, consiga vingar em terra alheia.

Que mundo estranho de pequenos nada não encerra o meio onde nos fizemos gente, onde aprendemos o nome incerto das coisas!

Não é só a maneira de dizer, o preparo de pequenos nada, o segredo de uma árvore, a história das pedras e das fontes. Há os homens desse ambiente pequeno, a sua genealogia e parentesco, os seus feitos, as casas onde moram...

— Uma vez na minha terra, um homem a quem chamavam...

Sempre uma história, um erguer de um véu subtil no fundo subconsciente da nossa formação!

E sabe-se que há uma esquina onde os garotos puseram uma vez um boneco, traçado a prego e pedra no granito; e sabe-se que é na loja do sr. Joãozinho que se vendem os melhores queijos da Serra. A crónica dos homens anda agarrada à crónica das terras: ali era uma casa do sr. Joaquim da Rita, que teve de ser demolida por causa da estrada nova...

E, depois, quando o homem sai da terra e se projecta noutras terras, já com a sua própria forma construída?

Ah! então é diferente e amargo. Lança-se no desconhecido. As raízes do seu conhecimento, despedadas da terra que as criou, como que se negam a nova fixação. E há então o esforço do homem em prol de outra vida, o desejo e a procura em adaptar-se. Falam-lhe de pessoas e coisas de nada que não são do seu conhecimento, que pertencem à crónica mundana, sem mais outra função nem interesse.

— O deputado tal, que nas suas crónicas galantes contava a picaresca anedota, a respeito da senhora de tal...

Quem são? Que celebridades são essas?

O drama de adaptação é sempre mais tremendo, porque à medida que o tempo passa sobre a chegada do homem, os outros vão-se esquecendo da sua condição de peregrino. E ele tem de compreender:

— Quando aqui havia uma loja onde funcionava o partido evolucionista, aquele velho das barbas que é tanto do nosso conhecimento e figurou em todas as listas de ministérios propostos... Você não se lembra? Ora como é...

Sim, como é...

O drama continua. A história repete-se todos os dias, anónima, discreta, sufocada pela máquina das coisas de cada dia: é preciso ganhar o pão nosso na terra que é de todos. As raízes chamam-nos, são frutos que rompem do solo e afloram à superfície da terra, à flor das palavras e das idéias:

— O quê?! Não sabe que as colheitas nas searas?...

À crónica cidadã contrapõe-se a crónica da aldeia. Mas, no fundo, o homem transplantado fica sempre o homem da província...

MANUELA DE AZEVEDO

Qual é o espectáculo que prefere?

GOSTO DE TEATRO E ADORO A ÓPERA!

HUGO Manuel, professor de cenografia do Conservatório, é um dos espíritos mais desempoeirados da moderna geração. Encontramo-lo a ler, a um canto da «Brasileira», já com as onze batidas, Hugo Manuel bebe café e fuma continuamente.

— É para mim um momento de enlôveber o cafezinho, fumar e ler dez fôlhas dum livro que me interesse.

— Qual é o seu espectáculo preferido? Hesita um momento: gosto imenso de teatro, mas do bom teatro — adoro as óperas!

VOU SEMPRE AO «FOOT-BALL»!

A saída do elevador da Bica encontramos Carlos Ferrão, jornalista e escritor que o público justamente admira.

Para o jornal, apressado. A nossa pergunta, Carlos Ferrão, que irradia simpatia, mas que sempre se retrai a estas perguntas frívolas, respondeu a andar:

— Vou sempre ao «foot-ball». Uma questão clubista. Não quero dizer que prefira este espectáculo a outro qualquer — em todo o caso, é raro falhar um domingo!

PARA MIM, OS TOUROS!

Domingos Saraiva, pintor e ilustrador de grande merecimento, atirou logo mal lhe fizemos a pergunta:

— Os touros! Não há, nem pode haver, espectáculo que mais me emocione e de que tanto goste! Sou capaz de ir ao fim do mundo para aplaudir duas «verónicas» ou um «par» bem cravado.

— Não admira, o seu irmão é toureiro... — Não quer dizer nada. Também eu sou pintor... e não o vou obrigar a gostar de pintura!

O CINEMA E O FADO!

Amália Rodrigues chegou há pouco do Brasil onde colheu ovações retumbantes. Tem que lá voltar para cumprir contratos e para dar satisfação aos milhares de portugueses que ficaram presos da sua voz, onde perpassa um misto de saúde e doçura que jamais se esquece. Depois de Júlia Mendes e Maria Vitória, Amália atingiu o que nunca nenhuma cantadeira castiça tinha alcançado no fado: o calor e a expressão da canção nacional na boca duma rapariga moderna, que não precisa do challe de ramagens para ser fadista.

— Gosto imenso do cinema! Mas o meu espectáculo é o fado! É por ele que vibro que sinto a nostalgia dos que partem; e nele que revejo a epopeia da nossa gente «Pode contar-se a História — cantando um fado. São as guitarras de Alcaacer-Kibir que ainda harpejam de saúde.

GOSTO DO TEATRO... UM POUCO MAIS BARATO!

O dr. Alves de Lima ia para o consultório. Só o apanhámos já quando subia a escada, aqui ao Calhariz.

— Diga-me, doutor...

— O quê? Consultas na escada? Ná, suba, suba...

Mas reparando em nós:

— Vem entrevistar-me?

— Apenas uma pergunta: Qual é o seu espectáculo preferido?

— Gosto de todos — desde a corrida de cavalos. Tudo quanto me distraia, e isso depende, até certo ponto, da boa disposição. Já tenho ido a espectáculos no intuito de passar o tempo agradávelmente, e venho de lá aborrecidíssimo. No entanto, deixe que lhe diga: Gosto imenso de teatro. É, sem dúvida, o espectáculo que mais procuro.

E depois duma pausa:

— Já agora ponha lá na revista que tam-



bém gostaria duns preços mais acessíveis. E sabe porquê? Nunca vou sózinho. Vai a família toda. Agora faça a conta: seis pessoas a trinta escudos...

O ESPECTÁCULO QUE MAIS APRECIO É O DA BOLSA!

Encontramos, na rua, com o seu «Rabz», a Dona Julieta de Lemos e Castro, que vinha da pastelaria, onde todas as tardes leva o cãozinho a tomar leite e bolos, que ela — pobre senhora! — só come uma vez ao dia, por via da estética. Tiramos uma respeitosa chapelada — e com um sorriso nos lábios a sr.ª D. Julieta de Lemos e Castro perguntou-nos:

— Se quiser pôr que esta noite vou para Sevilha, em recreio, ponha. Estarei lá oito ou quinze dias. Compreende que isto não é por mim — é um serviço que prestam aos meus convidados das quintas-feiras. Não tenho tempo de me despedir de todos.

E elevando a voz para que as pessoas ouvissem na rua:

— Cuidado com o nome — não me chamem Júlia, como já aconteceu...

Depois de tomarmos umas notas — atiramos à quelma-roupa:

— Qual é o espectáculo que prefere? D. Julieta não compreendia. Tivemos que lhe explicar que era um inquérito.

Então a ilustre senhora, descalçando a luva, donde refulgiram logo os grandes brilhantes, atirou:

— É o da «Bolsa». É o único que me faz perder tempo... para ganhar dinheiro! Não frequento outros espectáculos!...



Olá, miúdo!

Quando vamos no carro eléctrico, quando nos sentamos num banco de jardim público, quando passamos por baixo de uma janela ou, simplesmente, quando cruzamos as ruas, vemos essa petizada de meio palmo, repimpada num colo, numa alcova ou num carrinho. E sempre temos o desejo de lhe fazer um cumprimento:

— Olá, miúdo!

O miúdo sorri ou chora, mas é sempre engraçado. Pois não é? Vejam só o ar deste miúdo na pequena série de fotos que encimam esta legenda. Não é verdade que tem uma gracinha especial — mesmo quando chora?



O BARBEIRO NA CIDADE

NOS recuados tempos do bico de gás nas vielas tristes, a loja do barbeiro foi o centro da cavaqueira — uma espécie de agência informativa onde se sabia mais da vida inteira do bairro do que de cortes de cabelo. Nas aldeias, sobretudo, o barbeiro tinha uma função de utilidade pública — e o seu estabelecimento foi o precursor modesto das luxuosas policlinicas. Tiravam-se, num abrir e fechar de olhos, dentes sem dor, limpavam-se dos pés os disformes joanetes, e havia sempre, ao lado da pedra que desinfetava a pele e da navalha, maravilhosos unguentos que abrandeciam os calos mais rebeldes. Além disso, o barbeiro era, também, um influente político. Servia o Estado com zelo — arranjava votos para as eleições e distribuía, a escahoar as ventas, opiniões autorizadas sobre tudo — desde a economia à educação.

Os tempos modificaram, com a sua marcha veloz, o panorama das coisas. Os cáusticos, os bisturis, as ervas e os cozimentos cederam, em nome do progresso, o lugar à loção, ao fixador, à brilhantina. Já pouca gente consulta o barbeiro por via dum furúnculo — nem ele, aliás, sabe. O officio, em si, também evoluiu. Há corte «à inglesa» curto e comprido, o «caldinho» — invenção lisboeta — a marrafa apartada aos lados, a risca ao lado esquerdo para os solteiros — as patilhas complicadíssimas à Garat, à Beerz e as suíças à Junou.

Em certas terreolas o barbeiro é a biblioteca pública. É ali que chega o jornal, que se distribue a correspondência.

Então, é interessante ver o homenzinho, de bata branca, no meio da casa, em cima duma cadeira, com a freguesia em redor, ler, de alto, o que vai pelo mundo.

contando as novas deste reino. Era da sua competência folhear jornais, ler notícias de tudo, e depois, enquanto fazia a barba, teria de contar, tim-tim por tim-tim.

Hoje já não há barbeiros — diziamos — porque, também, a maioria da população faz a barba com uma lâmina, em casa, por espírito de economia e, até, porque é muito mais prático. Sim, porque sempre acontece, em Lisboa, quando há pressa, estarem dez pessoas à nossa frente. É uma praga. É no «eléctrico», no engraxador, no barbeiro, nesses intermináveis «gulchets» onde a população continuamente tem de depositar dinheiro...

De modo que só se vai à loja do clássico Figaro por via do cabelo. E aí, sim, há arte, perfeição, lisura, cavalheirismo. Tudo é delicadeza — e bom trato. Alvas toalhas, cadeiras de rodar, espelhos de cristal, cosméticos — e atenções. Ainda existem, porém, nos bairros pobres os barbeiros... sem contemplação, que dão cortes e deixam o cabelo às escadinhas. Agora o que já não há, isso garantimos, é a agência informativa e da má-língua. Mesmo eles deixaram de conversar. Lá para os meus lados, numa loja que ainda tem a cadeira de pinho e o «silfão» perfumado com água do pote, há um letreiro, por cima do vidro rachado, que diz, com certa pilhéria: «Recomenda-se ao freguês que não distraia o oficial». Quere dizer: o barbeiro, que tinha fama de conversador — de testa, hoje, as conversas. Todavia, um bocadinho de palavrado faz falta —

conta aquela monotonia atrás de meia hora de suplício, de cabeça vergada, ao som impertinente das tesouradas. Mas o que acontece? Aquêles que palram só sabem de duas coisas: de futebol e de política internacional.

É um desastre, que misturam todos os ataques do Sporting com as avançadas do 1.º exército — e a técnica do Espírito Santo com a tática de Heinz Guderian. Fazem prognósticos dos próximos desafios — e previsões sobre as novas ofensivas. E de fugir — com o cabelo meio tosquiado. Bem sabemos que tudo isto é proveniente do clima de guerra que vive-mos. O barbeiro tem tempo de reler os jornais. Sabe de tudo com largueza — e como está dentro da sua casa, e além disso armado de navalha na mão, evidentemente que usufrui o privilégio de impor as suas conclusões. E aí do que discorde ou do que o irrita. Num momento de cólera, de desvario, a navalha cortante resvala sobre as carótidas e é menos um da oposição com que se tem de contar.

Felizmente que nada disto se regista. A política internacional, no barbeiro, entre discussões baratas, tem menos valor que uma «final» Benfica-Sporting.

Manuel Martinho

NOTAS RAPIDAS DA SEMANA



No gabinete do sr. ministro da Educação — o sr. Prof. Dr. Caeiro da Mata — tomaram posse os novos componentes da Junta Nacional de Educação. Presidiu o sr. Prof. Dr. Fezas Vital, que se vê na foto no momento em que assinava o compromisso de honra — e o acto, que foi simples, revestiu-se, no entanto, de expressivo significado político e social.



A Casa de Entre-Douro-e-Minho iniciou uma notável série de conferências para falar de Epa de Queiroz, numa altura em que tudo se prepara para que a obra do grande escritor — ele próprio e a sua obra ligadas àquela região — se revista do máximo brilho. Falou, desta vez, com a sua autoridade de estudioso e escritor, o Prof. Vieira de Almeida, que apresentou um notável trabalho de análise e interpretação crítica.



A «Revista de Cavalarias» quis homenagear, há pouco, o sr. capitão António Sebastião Ribeiro Spínola, por motivo da sua retirada temporária da metrópole, com um banquete que decorreu num magnífico ambiente de cordialidade durante o qual foram proferidos brindes de elogio ao homenageado.



CARTA A UM PINTOR MODERNO

Meu caro amigo:

Sei que a resolução do júri, ao rejeitar o quadro que enviaste à Exposição de Arte Moderna te surpreendeu, pois segundo me disseram, esse trabalho representava para ti uma grande esperança, o que a meu ver é muito natural, porque sei como costumavas ser escrupuloso na selecção dos quadros que habitualmente apresentas. Mas fazes mal, meu amigo, preocupando-te com o que o júri pensou do teu trabalho. Não está a tua arte acima destas coisas? Que importa que alguém diga que tu és um génio, se esse alguém for um idiota com aspecto de pessoa normal?... Bem sei que é desolador para ti, um modernista, o facto do teu quadro não poder figurar naquela exposição. É incrível que a simples razão de não teres abandonado completamente as regras a que obedeces a pintura académica te impeça de aspirar ao título de pintor moderno! Afinal, o que é a pintura moderna? Acaso nessas exposições excepcionais... a que chamam de Arte Moderna — há qualquer coisa de novo? Não, meu amigo. A Arte não é de ontem nem de hoje. A Arte é de

sempre. Não há pintura moderna nem pintura antiga. Há pintura boa ou má! As exposições anuais da Sociedade Nacional de Belas Artes são, em geral, alvo de críticas mais ou menos severas. Acusam-se os artistas nelas representados de se deixarem influenciar por Columbano, Malhoa ou outros — o que a meu ver não é desprimir para ninguém. Esses críticos esquecem-se de que também os frequentadores das exposições do Secretariado da Propaganda Nacional sofrem grande influência de artistas, de um Picasso, de um Van Ghog e de outros que marcaram uma época que se afasta a passos agigantados.

(Continua na pág. 14)

COM LICENÇA das Graças

A última página vinha povoada das mais estranhas aves. Houve de tudo: Branca de Aquino surjira; Branca de Aguiar; Manuel Bentes chamouse Manuel Mata e, até, o nome de um quadro de Alvaro Barroso — um «nú» justamente distinguido com o prémio Paula Campos, apareceu ilegitimamente irreconhecível...

No entanto, todos compreenderam, não é verdade?



UMA ESCULTURA

DE

Canto da Maia

Canto da Maia, co mo seu contacto de Paris e de outros grandes centros espirituais do mundo, pôde moldar o seu extraordinário temperamento de artista. Esta escultura — «Dança» — reúne num mesmo plano, o clássico e o moderno.



UM ARTISTA ESPANHOL EM PORTUGAL

TERRÉS tem uma bela exposição em S. Pedro de Alcantara

DIZEM que a mulher é a mais bela criação da natureza. E retratá-la? Será possível, sem ofender o culto da beleza? Curvem-se os cépticos à arte de Velasquez, o dos rostos angelicais e mãos eburneas...

E olhem as fotos que aqui damos e que são reprodução de algumas obras maravilhosas de Terrés. Terrés, sim, o pintor espanhol que um dia abalou de Barcelona para uma viagem de meia dúzia de dias e, depois, ficou preso do ar, da gente, da luz e dos costumes portugueses.

Nunca ouviram falar d'ê? Pois ainda o Verão passado — vá lá, sem ríclame... — Terrés, numa exposição realizada no Estoril, onde reside, vendeu todos os seus quadros. Agora, ei-lo que expõe de novo em Portugal: no estúdio de S. Pedro de Alcantara inaugurou, há três dias, uma galeria de quadros. Quasi todos retratos de mulher, obras feitas em Portugal e que o espírito do artista conseguiu subtrair à guia dos compradores.

Terrés é de Barcelona — é muito jovem este artista amadurecido na arte! — onde fez algumas exposições. Madrid, Buenos Aires e Lisboa conhecem os seus quadros, espalhados pelas melhores galerias particulares. Não nos detemos, porém, no estudo dos seus quadros, onde as mulheres têm qualquer coisa de evocativo, qualquer reminiscência das espirituais madonas. Façamos com êle por um momento e reservemos os comentários para outra ocasião:

— Pintor por paixão?

— É auto-didata. Deizei o curso de Direito pela arte e pela revolução de Espanha, pois, então, todas as vidas e carreiras como que sofreram um colapso. Quando despertei, era profissional... Evidentemente, não me fiz pintor em três anos. Já pintava como amador...

— Que pensa da pintura moderna?

— Encontra o seu caminho!

— E em Espanha?

— Os cubismos e outras tendências terminadas em ismos são passageiras, lá como em toda a parte. Dentro das correntes modernas cabem as lições e os exemplos dos clássicos. Velasquez e Goya são os mestres do modernismo, e é nêles que a gente nova procura o melhor exemplo. Os jovens procuram nêles o que mais pode corresponder às ansiedades da pintura moderna, muito fora dos academismos convencionais.

— Portanto...

— Os antigos são os verdadeiros mestres da pintura moderna...

Quem ter estas opiniões e atentar nas fotos que as acompanham ou for ao estúdio do S. P. I. há-de reparar que Alfredo Armençol Terrés encontrou nessa equidistância artística uma harmoniosa linha de equilíbrio, uma verdadeira «feição» de arte que entre nós tem António Soares, Manuel Lapa, Manuel Lima e alguns poucos mais — uma notável correspondência.

Terrés, que não deve ficar em Portugal por muito tempo mais — êle ficou para pintar, somente — vai deixar entre nós uma obra que o tempo se encarregará não só de confirmar mas, ainda, de proclamar como das mais representativas da moderna pintura peninsular.

ROSA MARIA SOBRAL CID

também se distinguiu no Salão de Belas Artes

NO último Salão de Inverno, onde não faltaram algumas belas afirmações de arte, não passou despercebida esta pequena pintora que se chama Rosa Maria Sobral Cid — e de quem tivemos o prazer de falar aos nossos leitores, mais que uma vez. Rosa Maria apresentou um pastel — «Maria Adelaide» — e que teve as primícias de uma «menção honrosa». Ela, que é ainda uma criança de menos de 15 anos, é aluna da professora e artista D. Eduarda Lapa. Quem trã bem começa não irá bem acabar — se é que em arte se acaba!





UM DÊLES VAI MORRER...

NA prisão de Chicago deu-se, há tempos, uma cena comovente. Foi o caso que os prisioneiros, reunidos no refeitório, se recusaram a tomar qualquer alimento como protesto contra a execução de um dos seus camaradas, execução que teria lugar nessa noite.

Diziam êles que Steve Cygan, o condenado, que se vê em pé, no extremo da mesa, estava inocente do crime de morte de que o acusavam, e pelo qual ia ser electrocutado.

Todavia, à meia noite em ponto, o coração de Steve Cygan deixou de bater de uma vez para sempre...



UMA MISSA NO CIRCO

Na pista do circo «Grand Palais», em Paris, podia ver-se, há semanas, um estranho e piedoso espectáculo. Não se tratava da reconstrução de um dos sangrentos episódios da antiga Roma, mas sim de uma verdadeira missa.

Diante do Monsenhor Brandicourt ajoelhou-se uma multidão de fiéis, entoando um cântico religioso. Dos camarins ouviam-se, esmaecido, o rugir dos leões nas suas jaulas.

O NOVO BARBA-AZUL

1 Chama-se Sainte-Martine e, como estão vendo na fotografia, parece um pacato cidadão, um pouco gordo, é verdade, mas com um ar respeitável, apesar de tudo. Pois o bom senhor Sainte-Martine é acusado de ter envenenado, pura e simplesmente, as suas duas extremosas esposas.

2 Depois do primeiro crime, ei-lo que desce as escadas do Registo Civil com a sua futura segunda vítima, de nome Clara Boulet. Diga-se de passagem que a senhora Clara Boulet era uma rica proprietária. O casamento fez-se rapidamente. Tanto o noivo como a noiva não eram muito jovens, como se vê na fotografia.

3 Cinco anos mais tarde, Clara Boulet morre envenenada, tendo instituído seu único herdeiro o senhor Sainte-Martine, que se mostra inconsolável. A família da morta, porém, lembrou-se de se queixar na policia e de requerer uma autópsia ao cadáver. Foram exumados os dois corpos das duas mulheres deste Barba-Azul. Resultado: morte por envenenamento.

O entudado marido protestou, chorando, a sua inocência. Por fim, apertado num hábil ininterrogatório, acabou, tristemente, por confessar os dois crimes. Segundo informações, o bom senhor Sainte-Martine preparava-se para novo casamento, desta vez com uma riquíssima herdeira de nome Sara Génève.

Parabéns à noiva... por não ter casado! Se não, em vez de duas seriam três as mulheres do novo Barba-Azul.



TOIROS

UM SONHO? OU TALVEZ NAO...

ALGUNS jornais aos quais a festa brava merece apreciável atenção, têm publicado artigos mais ou menos longos sobre a autêntica corrida de toiros, com todos os seus requisitos, pondo em destaque o desejo da «afición» para que a sua realização seja, em breve, autorizada em Portugal. Com a afirmação desse desejo, vêm, naturalmente, toda a série de justificações já exploradas e que desde longe constituem argumentos de defesa para o desejo, cada vez mais fervoroso, do público aficionado.

Não podíamos, em tal circunstância, ficar alheios ao movimento; por isso aqui estamos, oferecendo a nossa voz, como uma unidade mais desse coral que há tanto tempo espera o momento de entoar o seu hino de triunfo.

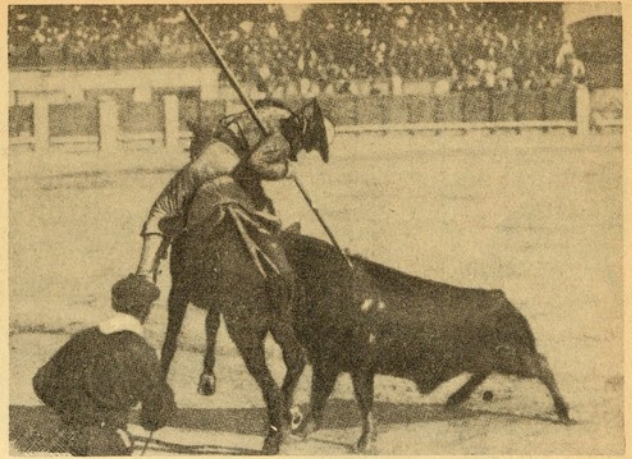
* * *

Para que a corrida de toiros, tal como deve ser, possa ser autorizada em Portugal, torna-se necessário, além da indispensável preparação do público para que receba compreensivelmente, a verdadeira lide, uma argumentação segura, que forneça a quem tiver que julgar a petição, a certeza de que não é um sentimento bárbaro o que anima o desejo dos amantes da festa de toiros. Não é segredo para ninguém, que a maioria do público aficionado, sendo partidário da morte do touro — remate lógico da lide — é em absoluto, contrário à possibilidade da morte do cavalo e até da simples sorte de varas, indispensável para que o espectáculo resulte com toda a sua verdade e beleza.

Por outro lado, para que a vontade dos aficionados triunfe, argumentar-se com o exemplo e citação de outros divertimentos igualmente bárbaros, tal como o tiro aos pombos, o «box» e outros, cremos que é caminho errado porque é conduzir, imediatamente, o espírito menos exigente a pensar na maneira de proibir estes, antes de autorizar aquêles. O que é necessário, é demonstrar a verdade, e a verdade é que a corrida de toiros, se tem barbarismo de forma alguma é fornece a base do entusiasmo popular ou constitui atractivo. Sinceramente afirmamos que a corrida de toiros se alguma vez nos desagradou, foi precisamente quando a nota bárbara se sobrepôs às notas de arte e cor. E temos razões para afirmar que todo aquêles que entra numa praça de toiros, pensa como nós — o que é facilímo constatar. Basta assistir um dia à espontânea irritação do público perante o espectáculo fornecido por um toureiro menos punido, que, tomado de pavor, procura, para defender-se, ferir atrevidamente o inimigo que lhe coube. O vozear intenso da turba, a sua ilimitada indignação não constitui um côro selvagem, mas sim e antes uma prova profundamente humana de quem não admite aspectos de deslealdade e cobardia num espectáculo forte e viril. Igual conclusão tirará quem uma vez presenciou a infelicidade dum «espada» que por qualquer motivo prolonga a morte do touro. O desagrado popular cai sobre o toureiro da maneira mais vemente porque quem assiste às corridas não perdêda que se converta em cena de sangue um espectáculo de rara beleza emotiva — o que constitui uma prova mais de que a corrida de toiros, de forma alguma pode ser considerada como um excitante da ferocidade humana. Outro caso ainda — este corrente — é o da revolta que vai por todos os sectores quando, para toureiros de méritos e faculdades comprovados, largam toiros de pequeno tamanho e poder. Essa revolta imediata é a afirmação dum espírito de justiça absolutamente humano, que não admite, por princípio uma luta desigual com vantagem pronunciada de uma das partes — sobretudo se a parte beneficiada for o homem. Mas se esse homem tomba, ferido palhadamente durante a lide, a consternação é tal, o sentimento popular tão pungente que a própria dor geral impõe a suspensão do espectáculo. Ora esta prova de sensibilidade, como aquela outra de justiça, não são profundamente humanas? Creemos que não é possível, de boa-fé, argumentar-se em contrário.

É pois por este aspecto que a questão deve ser encarada e exposta de seguida, com inteligência e calma; uma inteligência que ilumine os poucos entendidos na matéria, uma calma que proveja lidas as eventualidades. Faça-se a petição a quem de direito, apresentando um relatório que a própria dor geral impõe a suspensão do espectáculo. Ora esta prova de sensibilidade, como aquela outra de justiça, não são profundamente humanas? Creemos que não é possível, de boa-fé, argumentar-se em contrário.

(Continua na pág. 14)



A sorte de varas constitui um dos mais belos aspectos da festa brava; todavia o público português não está preparado para a compreender e aceitar.

UM BOM LIVRO DE TOIROS

Escrever sobre toiros é, dentro do âmbito da crónica ou da crítica, do mais difícil. Exige uma série de requisitos que nem todos possuem, pelo que, na maioria dos casos, um artigo sobre assuntos tauromáquicos raramente consegue prender a atenção daquele que não é aficionado e para quem todas as leituras interessam, desde que se refiram toiros e toureiros.

Embora com o mérito dum saber profundo das coisas da arena, a ponto de poderem ensinar alguma coisa, os que assim escrevem prestam um limitadíssimo serviço à festa brava porque não recrutam adeptos e só ensinam e esclarecem os que já sabem e estão esclarecidos.

São êsses dignos do respeito da «afición», mas nunca do seu reconhecimento.

Outros há, porém, que pela forma literária que imprimem às suas crónicas, pela cor com que matizam as descrições ou pela maneira amena como referem os sucessos, prendem as atenções e têm o condão de tornar aficionado aquêles que uma vez demora a vista e o sentido sobre os seus escritos. Está neste caso o sr. José Picão Telo, que acaba de publicar em volume e sob o título «Arena» uma série de crónicas, críticas, impressões e comentários, chefes de interesse literário e tauromáquico, pois nos conduz a épocas atrasadas, fazendo-nos rever momentos que na memória já se iam esfumando entre as mil imagens sempre novas que o toureiro oferece todos os dias.

Quem ler alguns dos capítulos do seu livro tem que viver aquelas tardes de Badajoz que José Telo descreve e comenta como raros, tem que sentir a contrariedade daquela suspensão imposta pela chuva que não permitiu mais que um «mano-a-mano» de café entre Marcial e Ortega.

Os nossos parabéns ao excelente cronista elvense, a quem, pelas muitas virtudes patenteadas, perdoamos o abuso de termos espanhóis, dispensáveis na sua pena, que tão bem sabe dominar, com riqueza e elegância, o idioma nacional. É esse o único senão — não lhe chamaremos defeito — que encontramos na sua excelente obra.

CAPOTAZOS

DO MEXICO



Segundo notícias chegadas a Lisboa, a questão da «alternativa» dos matadores espanhóis, no México, não tem sido bem recebida por aquêles que são obrigados a recebê-la. Esse facto pode ter reflexos de desagradáveis consequências nas relações tauromáquicas entre Espanha e México, reatadas com tão bons auspícios na temporada finda.

Já que durante o conflito o México mostrou soberbamente a sua autonomia tauromáquica, não seria tempo de se banirem tais formalidades, aceitando ambos os países, como boas e regulares as «alternativas» concedidas nas pátrias dos «espadas»?

TOIROS PEQUENOS



«El Ru e o» num dos seus números de Dezembro, publica um interessante diálogo em que pretende atribuir aos «ganaderos» a culpa do pouco tamanho e idade dos toiros que saem dos «chiqueros» nas corridas formais. Estamos inteiramente de acôrdo como seu autor, Juan de Leon. Se os criadores de gado bravo fossem mais aficionados e menos comerciantes nunca se teria chegado a tão lamentável estado de coisas. Como, porém, as exigências dos toureiros iam de encontro aos desejos dos «ganaderos», ambos se mostraram eguidos ante as justas reclamações do público.

RESPOSTA PRONTA



Tendo «Gorete» toureado em Vichy, finda a corrida fez as contas à sua «cuadrilla», a quem pagou e distribuiu bilhetes de regresso a Barcelona. Como, porém, desse apenas quatro pesetas para despesas de alimentação, o picador «Carlomagno», observou que tal quantia era insuficiente porquanto a viagem demorava tantas horas que seriam forçados a tomar, pelo menos, duas refeições.

Perante o reparo, «Gorete» respondeu prontamente:

— Pois dirás ao maquinista que se apresse.





O CASARIO ANINHA-SE NA PAISAGEM SOLENE E É BEIJADO PELO MAR...



AS MULHERES DA NAZARÉ — AS DE ONTEM E AS DE HOJE...



OS BARCOS ENCALHADOS, DEPOIS DAS HORAS TORMENTOSAS DA FAINA...

NAZARETH

UMA LENDA E UMA SUGESTÃO

ENTROU, há muito, no domínio do lugar-comum contar os encantos da Nazaré como terra de lindas paisagens e de bravos pescadores — e citar o promontório que a domina, como o local onde a lenda conta que a virgem estacou milagrosamente o cavalo de D. Fuas Roupinho, quando o brioso nobre perseguia um corvo que se despenhou das alturas, e que era o diabo... Isto que acontece com a linda Nazaré dá-se também com outras terras, e até com algumas pessoas: serem vítimas dos repetidos louvores que lhes fazem... E de tantas vezes, e tão mal, lhes contarem as excelências e as virtudes, torna-se depois difícil dizer delas alguma coisa que fuja da banalidade, já mil vezes repetida, e na qual para sempre se enfocaram as qualidades descritas.

Dá a razão porque esta página dedicada à Nazaré é mais gráfica que literária. Quem haverá que não reconheça, na faina movimentada e rude de arrancar ao mar os barcos tirados por juntas de bois, uma ocupação da gente trabalhadora e forte e um quadro de inigualável e movimentado pitoresco? E quem, ao abarcar a vila inteira no seu deslumbrante conjunto branco, cingido pelo verde dos campos, nessa vista tirada do alto penhasco de onde se precipitou o veado da lenda, não reconhecerá ser o «Sítio» um deslumbrante miradouro natural, de onde tudo se abrange, até essa larga plataforma de areia dourada onde se quebra o oceano? E nessas duas figuras de mulher, gente do povo, tisonada do sol e iodada pelo mar, não se reconhecem facilmente as companheiras dos heróis anônimos que se dedicam à faina da pesca jogando a vida para arrancarem ao mar o seu sustento?

Nazaré — lendas de milagres, trabalho rude de gente simples, cenário de beleza da costa de Portugal; terra de pescadores e estância de veraneio, casario branco e campos verdes, arca morena beijada pelas franjas do mar a desfazer-se em espumas... Mas, melhor que tudo o que te dissemos, leitor, te falam as imagens que ilustram esta página — e se elas te despertarem um verdadeiro interesse, aproveita um fim-de-semana e vai até essa vila de encanto, onde o Inverno e o Verão apenas servem para imprimir aspectos diferentes à sua impressionante beleza, e vê com os teus olhos, aprende com a tua sensibilidade, todo o deslumbramento que emana dessa terra de pescadores — onde a lenda diz que a virgem parou subitamente o cavalo de um fidalgo.



O ESFORÇO DOS HOMENS E O DOS ANIMAIS CONJUGAM-SE NA PESCA DE ARRASTO.



IOGURTE FLORINA

Dá a todos uma boa saúde, sendo particularmente recomendável para as crianças e aos que sofrem do estômago, fígado e intestino. Alimento saboroso; toma-se simples ou com açúcar.

Distribuidor geral

JOSÉ CARLOS JANEIRO

AV. DUQUE D'ÁVILA, 38, C. — TELEFONE. 41684

A venda nas boas mercearias, pastelarias, sucos de chá

ESCOLA DE CORTE, COSTURA E BORDADOS

«PAIXÃO»

HABILITA ESCRUPULOSAMENTE PARA MODISTAS, PROFESSORAS OU BORDADORAS

Inscrições abertas

AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º, ESQ. — Telef. 52726



As pessoas elegantes calçam os sapatos

Cristal

Telefone 42424

RUA DO SALITRE, 42-D

GRANDES DRAMAS JUDICIARIOS

Dramas reais, extraídos dos mais notáveis processos crimes dos Tribunais Portuguezes por **SOUSA COSTA**

Obra empolgante. Magnifico papel. Gravuras a negro e côres. Publica-se em fascículos

O 1.º fascículo, milhares de exemplares, esgotado em 4 dias. Foi distribuída já a 2.ª tiragem do 1.º fascículo. Em distribuição o 2.º fascículo.

Assinatura por um postal à Administração do PRIMEIRO DE JANEIRO, Rua de Santa Catarina, 366 e em todas as agências e Livrarias do País.



PASTA MEDICINAL
Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS «HORUS» TINTAS PARA ESCRIVER, COLAS, LACRES E PAPEIS QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.ª
FÁBRICAS: TRAF, DOS AGUAS VIVAS, 11
TELEFONE 50.491
RUA FABRICA DO PÓLVORA, 22-B
TELEFONE 51.491
LISBOA

ÀS TRÊS PANCADAS

Trindade — "O REI"

* Caillavet, Robert Flers e Arène escreveram, há quarenta anos, esta peça que ainda hoje tem, na sua galeria de tipos mais ou menos convencionais, carapuças para senhores à margem das convenções. Tudo aquilo é dessarante, ingenuamente construtivo, e como peça dramática não chega a valer o preço que a montagem custou. Nem tudo o que é vida vale o esforço literário de se pôr no palco — se, realmente, a virtude teatral não superar a fraqueza do tema. E não é, francamente, o caso de "O Rei", onde tudo é impudor — mais ou menos claro, segundo as conveniências dos autores, para não enjorar demasiado o público. É preciso esclarecer que a peça não escandaliza ninguém. Apenas entristece. O nu só é obra de arte e só pode ser visto sem tolhimento quando, de facto, é Arte.

* Quanto à versão portuguesa de António Lopes Ribeiro pareceu-nos francamente inferior ao texto. Lopes Ribeiro — que no-lo perdõe quem tem tanto talento de realizador teatral e de cinema — é um escritor. É "duro". E, como tal, às expressões, nos pontos difíceis de aproveitar o calão como fórmula literária, parecem-nos falhas de maleabilidade. Ele sabe o que nós queremos dizer.

Fazemos, ainda, um reparo aos versos que Assis Pacheco, com a sua arte de mestre, vem dizer ao prosódico. São francamente maus, como forma poética e vazios de sentido. Não valeria a pena eliminar aquilo?

* De um modo geral, a interpretação não atingiu o nível que a peça — apesar de tudo... — requeria. Francamente bem, estão Lucília Simões e Villaret. Lucília não tem culpa de não ter a idade que a peça requiere. O «charme», de resto, com que ela representa, fazem-nos esquecer esse erro do tempo. Os dois melhores momentos da peça — no plano de interpretação — são, quanto a nós, as cenas do 1.º acto: Lucília-António Sil-

va. António Silva faz-nos esquecer que deu ao seu papel um sentido de farsa que ele não tinha, no momento em que se senta no sofá. A outra cena é também de Lucília com Villaret, na altura do encontro. São dignos de arte um do outro. Villaret, de resto, consegue dar à cena com Lalande, na altura da cela, um certo ambiente envolvente que só os grandes actores são capazes de criar.

Lalande, porém, está deslocada. A sua frivolidade só a falso — aliás, o tradutor obriga-a a dizer coisas inconcebíveis. Mas a sua gentileza, a sua disciplina, a sua arte, vencem as maiores dificuldades e, se não agrada plenamente, devemos dizer que sabe defender-se. Ribeirinho, em dois ou três momentos — o da sua aparição na peça e o do cabeleireiro, por exemplo — multiplica-se com verdadeiro talento. Só é pena que às vezes faça coisas como na cena do estofador. Maria de Lourdes menos verdadeira do que noutros papéis; Igrejas Caello mais verdadeiro do que costuma, num papel pequeno. Ou nós nos enganamos muito — ou Caello será um galá, de facto, no dia em que o não façam parecer menino bonito. Talvez, até, esteja nele um galá ligeiramente burlesco...

Os restantes são muitos — e, entre eles, Assis Pacheco e Sacramento — que não destoam do nível da representação geral. Alguém nos dizia à saída: por que não deram a Assis o papel de Lelorain?

* Os cenários e os figurinos são de Lucien Donnat. O do primeiro acto parece-nos o melhor, e o do 2.º o menos de bom gosto. As «toilettes» parecem-nos graciosas, só Lucília não sendo rejuvenescida nem adelgaçada como devia. Tudo, de resto, é feito com um à-vontade de despesas que resulta um conjunto elegantíssimo e evocativo. Os próprios vestidos, como estão longe de «Miss Ba»!

ESPECTADOR

DIGA O QUE PENSA!...



À CERCA DE HERMÍNIA SILVA

QUASI a encerrar esta pequena série de inquiridos — e faltam falar de Madalena Sotto, Igrejas Caello e Adalina Campos — vem depor o Dr. Norberto Lopes. Como jornalista e como crítico de teatro — e não queremos aqui salientarmos o mérito das suas opiniões nem a repercussão que podem ter no público os seus conceitos de arte teatral — o Dr. Norberto Lopes expõe

a sua opinião com a sinceridade e justiça que nem sempre andam tão perto dos homens quanto era necessário. O que pensará ele de Hermínia Silva? É muito simples sabê-lo — basta ler a resposta que se segue.

— Hermínia Silva é, quanto a mim, uma das actrizes mais originais e de maior personalidade que pisam os palcos de revista. É, sobretudo, uma artista de intuição, um temperamento de rara espontaneidade, um carvão por lapidação, tarefa que devia incumbir a um bom ensaiador, senão houvesse tanta mingua déles.

«Tem uma graça muito pessoal e um feitio eminentemente popular. A geral delira com ela. E não é só a geral. Muito boa gente das primeiras filas tem o seu frac pela Hermínia. Devo dizer que é inteiramente justificado pela simpatia pessoal da cachopa e pelas qualidades inegáveis da actriz.

«É incompleta? Tem defeitos? Meu Deus! Quem aspirará à perfeição? É a Hermínia Silva, não se confunde com nenhuma outra — e tem razões para estar contente consigo própria.

TEATRO

Dulce de Oliveira vai para o teatro



QUEM a tem ouvido em alguns dos seus formosos recitais, no Teatro ou na Rádio, não se admirará de que, enfim, os empresários tenham notado a sua presença. Dulce de Oliveira é cem por cento artista e, aliá, à sua intuição, os ensinamentos do curso de Teatro do Conservatório. Deste modo, e com tão grande bagagem — não nos esqueçamos da sua gentileza, da sua força de vontade ou da sua mocidade — não é difícil adivinharmos um futuro de êxitos. Agora, Dulce de Oliveira foi integrada no conjunto artístico dirigido por Joaquim Miranda, e deve estreiar-se, como actriz, no Montijo. Recentemente, quem a ouviu no Rádio Peninsular, recitar «O galo gaulês», uma intencional composição poética de Charles Oulmont, não duvidou de que estava ali uma verdadeira artista.

A propósito dum entrevista com Carlos Leal

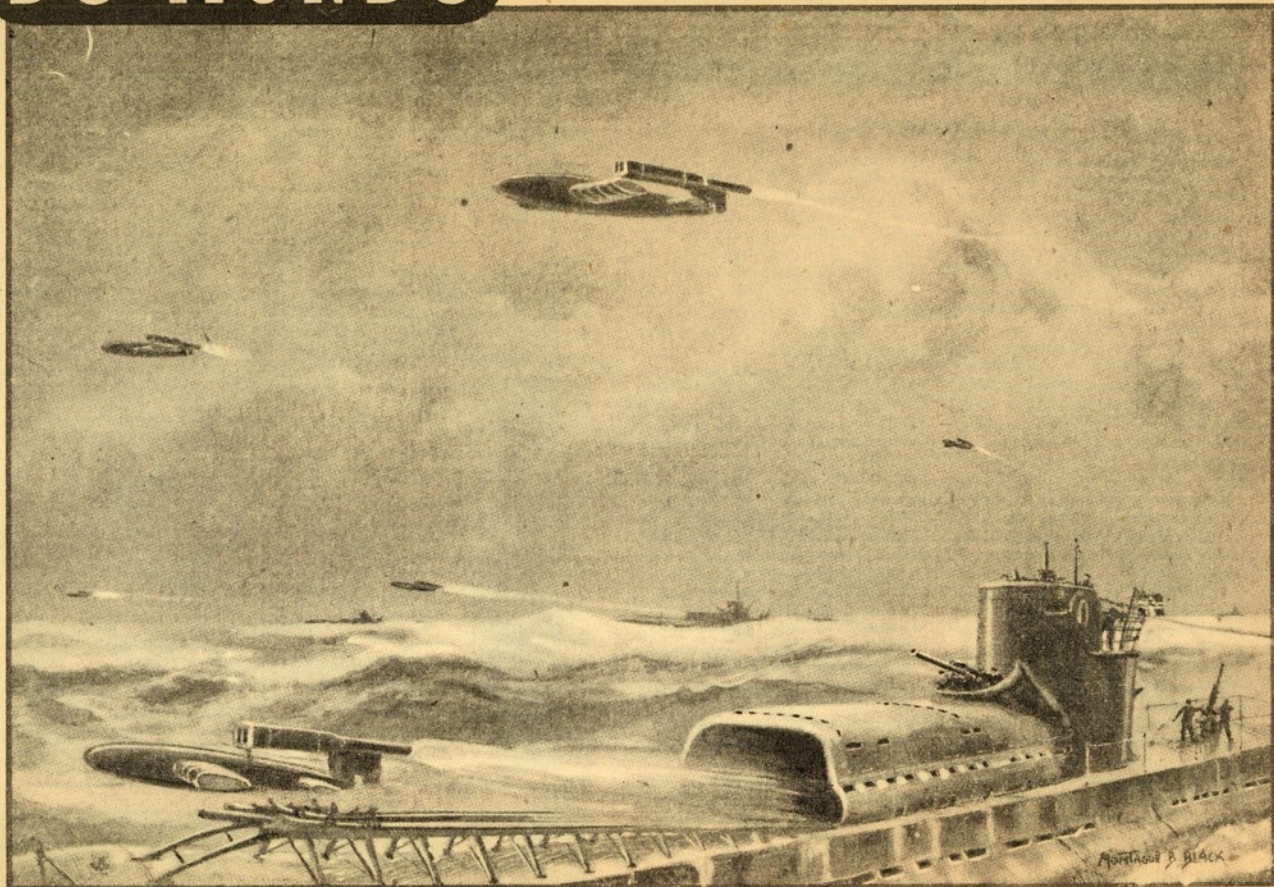
HÁ pouco, Carlos Leal teve a amabilidade de nos conceder uma entrevista, para nos falar dos teatros na provincia. Houve, porém, uma confusão ou um lapso de memória. E, então, das suas palavras se deduz que os teatros de Santarém ou de Guimarães são pequenos e só têm dois camarins. Valha a verdade que se diga, e contra todas as confusões, que a coisa não se passa bem assim. Já nos seus palcos se apresentou a Orquestra Sinfónica Nacional e, a respeito de camarins, há os que bastam. Os vimarenses e os escalabinos não vão ficar zangados nem conosco nem com Carlos Leal, uma boa pessoa e um bom artista. não é verdade?



AS IRMÃS HÖPFNER

NA Alemanha também há as «Irmãs»... — como na América, como na Espanha, como em Portugal. Eis aqui as mais célebres, como bailarinas e que algumas vezes temos visto aparecer no cinema: são as Irmãs Höpfner que vemos na foto, quando se preparavam para executar um bailado. As Irmãs Höpfner têm sobre outras a vantagem de ser artistas pelo lápis. E, assim, os trajos com que se apresentam são sempre por elas desenhados.

Não é verdade que são engraçadas?



RAMPAS DE LANÇAMENTO DA V-1 E DA V-2 CONTRUÍDAS EM ITÁLIA?

A Imprensa estrangeira insiste no aproveitamento pelos alemães de certos territórios da Itália do norte, para construção de campos de lançamento das armas V-1 e V-2. E acrescenta que esses trabalhos fazem parte de um plano do Alto Comando germânico que prepara uma ofensiva na Croácia, cujo principal objectivo seria impedir a entrada dos russos na Austria. Por outro lado, segundo se lê num jornal inglês, os Estados Unidos continuam a ser avisados de que a Alemanha pode, de algum modo, iniciar em breve um novo processo de luta contra aquele país. Segundo se pensa, os submarinos podem ser adaptados a tal lançamento sem muita dificuldade pela construção duma estrutura no convés.

Os submarinos podem transportar duas ou quatro bombas-voadoras, lançá-las rapidamente depois de subirem à superfície e, em seguida, mergulhar, imediatamente. Estes submarinos podem depois continuar as suas habituais operações. Os envólucros das bombas terão provavelmente de ser reforçados para lhes permitir aguentar a pressão da água.

ALEMANHA

“OS PROJECTOS DE DESMEMBRAMENTO DO REICH DERAM AO POVO ALEMÃO UM FORTE MOTIVO PARA CONTINUAR A LUTA”

A QUI há tempos, a posição de Churchill, com o caso da Grécia, pareceu oscilar. Jam fazer-lhe guerra os trabalhistas, apoiados pela opinião pública? Depois, a posição consolidou-se. Mas, ainda hoje, o hebdomadário britânico «The Economist» pede com insistência a Churchill que abandone a sua «atitude de perpétuo mediano» e adopte uma política mais independente e mais positiva. Quere dizer: nem todos estão de acôrdo.

«Sob o ponto de vista diplomático — escreve «The Economist» — o sr. Churchill

não deve contentar-se em marcar uma oposição delicada às idéias e às medidas adoptadas em Washington, em Moscovo ou em Paris. Deve tomar uma atitude firme e opor-se franca e nitidamente contra a política insensata da U.R.S.S. e da França, cuja intenção de desmembrar o Reich deu ao povo alemão, na décima-primeira hora, uma forte razão para continuar a guerra».

E é ainda o mesmo jornal que diz que o sr. Churchill devia fazer compreender à Alemanha que a Grã-Bretanha não tem a intenção de realizar nem de apoiar uma política que impeça de uma maneira permanente o povo alemão de levar uma normal existência política e económica.

Uma tal declaração permitiria que se saísse do actual impasse militar e psicológico na frente ocidental e esclareceria a situação anormal resultante do sistema de alianças concluído por Londres, de um lado, e por Moscovo e Paris, do outro. Nestas alianças nada se encontra, com efeito, senão tímidas confirmações britânicas às decisões tomadas pelos governos russo e francês — decisões nas quais a Grã-Bretanha não tem qualquer interesse.

Sob o ponto de vista estritamente militar, «The Economist» pede ao sr. Churchill, sempre no quadro de uma política mais independente, que sugira a revisão da ordem de prioridade estabelecida em Quebec sobre a distribuição de material de guerra pelas frentes da Europa e do Pacífico, e que faça afluir uma muito maior quantidade de material de guerra para a frente ocidental.

«Se os Estados Unidos não quiserem alterar em nada o programa estabelecido

QUANDO A NEVE CAI EM PARIS...

QUE diríamos nós, senhores burgueses, se vissemos, num dia de nevão, as nossas espôsas ou filhas, tão cômodamente «habillées»? De certo, não gostavamos... Todavia, todo o mundo masculino parisiense viu assim de pantalonas as ditos filhas de Eva. Ditosas, as da França, porque puderam vestir calções como estes, sem perder o «charmes», o calor — e o aprêço dos homens.

FRANÇA



A América e a Europa

COMO será a organização futura das nações?

A hora a que todos os indícios dão a entender que começou já a reunião dos principais dirigentes das Nações Unidas, que se supõe estarão acompanhados por grande número de peritos, é fora de dúvida que esse aspecto das relações internacionais assume um grau de importância e realce que sobreleva, em muito, a própria importância do curso dos acontecimentos militares, de momento decorrendo em ritmo apressado.

A guerra, com o seu desfecho próximo ou artificialmente prolongado, deixará os povos fatigados para o período de uma ou duas gerações. As gerações actuais, por seu turno, fatigadas e torturadas por duas guerras crueldíssimas, documentadas, além disso, pela experiência de 1918 e da organização internacional que se lhe seguiu, hão-de procurar, necessariamente, fazer alguma coisa de novo, alguma coisa que possa assentar em bases diferentes do que já se viu não servir e que possa oferecer algumas garantias de entendimento, de concórdia e de compreensão.

As idéias até agora enunciadas — é preciso reconhecê-lo — só coincidem, realmente, na afirmação deste desejo. Quando se passa, porém, da simples indicação do objectivo ao processo mais conveniente para o atingir, já se encontra uma dispersão de idéias que pode não ser profundamente de tranquilizar os que só desejam que o mundo possa viver e trabalhar em paz e progresso. As idéias de vingança não são, realmente, de molde a preparar o estado psicológico dos povos para uma era de colaboração aberta e bem intencionada. Mas, aos que propõem esta objecção, replicam outros que, tendo partido o sinal das últimas guerras da mesma zona geográfica e política, importa prevenir que possa repetir-se, ao menos nos tempos mais próximos, um novo estado de facto que leve o mundo para novas convulsões. Tudo isto, porém, é simultaneamente consequência e causa de legítimas apreensões.

Mas, para além do problema da situação dos vencidos, há o outro, mais remoto, mas que lhe é ligado, do que venha a ser a futura organização internacional. Nos Estados Unidos, onde o interesse pelos problemas europeus assume, hoje em dia, um grau nunca atingido, faz-se a severa condenação dos projectos que informavam o pensamento wilsoniano. Esse interesse procura, porém, formar-se à base da compreensão. Não haverá que impor à Europa, escreve, por exemplo, Walter Lippman nos seus «U. S. War Aims», pensamentos ou sentimentos americanos, a Europa é que poderá ter a noção justa dos seus problemas e das soluções que lhe convêm. O mesmo para o continente asiático. Dentro do pensamento de Lippman, quer isto dizer, não haverá que pensar numa assembleia de Estados, à moda da Liga de Genebra. Mas o mundo seria arrumado, por assim dizer, em duas ou três grandes zonas de influência, cabendo às potências capitais de cada uma dessas zonas entender-se entre si para o arranjo conveniente dos grandes problemas de interesses que viessem a suscitar-se. Trata-se, simplesmente, de uma tese pessoal, sem nenhum sentido oficial. Mas que um escritor da categoria de Lippman tenha proposto tal tese quer dizer duas coisas ao mesmo tempo: que ele é porta-voz de um embrião de corrente; e que ele será, ao mesmo tempo, o ponto de partida para o pensamento e comentário de muitos que no caso não tinham ainda pôsto a sua atenção.

J. R. S.



**CADA COMBATENTE
PRECISA DE UMA TO-
NELADA DE MATERIAL
POR MÊS!**

AMÉRICA

remos uma visão do que pode representar para as Nações Unidas a luta no continente, o seu constante desembarque na Europa, através de uma região em que só os portos de Ruão e o Havre podem fazer face a um tráfico de tal modo considerável.

É, ainda, o major-general Ross quem informa:

— Esse tráfico é, mesmo, mais importante do que antes da guerra, permitindo reduzir o caminho numa distância de mil quilómetros.

A estrada «Boule Rouge» e a estrada «Diamante verdes» foram abandonadas. Mas um novo itinerário — a estrada «Boule blanche» abre-se agora no Havre a Ruão, e a estrada «A. B. C.» liga por sua vez Anvers ao «front».

Sob as ordens do general Ross, 55 mil oficiais e soldados descarregam barcos enquanto outros 155 mil se encarregam de transportar o material para a frente de batalha.

POR cada homem que aparece no continente europeu, os Aliados têm que desembarcar uma tonelada de material por mês — segundo afirma o major-general Frank S. Ross, chefe dos transportes do exército americano que se encontra em França.

Deste modo, se pensarmos que pelos portos ocidentais da Europa, passam mais de um milhão de homens — sem contar com mil locomotivas, 20 mil vagões, guindastes — te-

FRANÇA

De Gaulle na Universidade de Paris

A Universidade de Paris reabriu solenemente. Para a sessão de gala, o general De Gaulle foi convidado a presidir. Aqui o vemos, depois do grande cerimonial, à saída da Universidade, entre senhores metidos nos seus pitorescos fatos a lembrar tão belas tradições do mundo da cultura e do espírito.



— acrescenta o referido hebdomadário — o Governo britânico pode multíssimo bem arcar com a responsabilidade de consagrar todos os recursos de que dispõe, à luta contra a Alemanha, e pô-la definitivamente fora de combate antes de se voltar contra o Japão.

Já recentemente Beveridge, numa entrevista a uma jornal americano, defendia o mesmo ponto de vista político. Quere dizer: a economia está de acôrdo...

PHILIPS



R. DE S. PAULO, 11-13 — LISBOA — TEL. 24888

FRIGORÍFICOS ★ RÁDIO ★ LUZ ★ SOM

ESTA CASA DISTRIBUI CALENDÁRIOS COM ESTE MOTIVO



A FATALIDADE PODE
DEIXAR OS FILHOS SÓS
E DESAMPARADOS
ANTES DE SABEREM
GANHAR A VIDA

OS PAIS PREVIDENTES
PROCURAM EVITAR-LHES
MISÉRIA E AMARGU-
RAS COM UM SEGURO NA

★ ULTRAMARINA ★

DA PRATA, 108 — LISBOA — TEL. PABX. 23348/9

CARTA A UM PINTOR MODERNO

(Continuação da pág. 6)

E, a propósito, vou contar-te um facto que merece ser meditado: o ano passado, um jovem artista resolveu concorrer à Exposição de Arte Moderna. Nunca tinha pintado a gleba mas achava que bastava um trabalho disparatado para poder concorrer e, consequentemente, figurar na referida Exposição. Seguiu o jovem esse critério. O quadro apresentado, segundo o próprio autor, e usando as suas palavras — era uma autêntica borracheira. Como acolheria o júri semelhante idiotice? Eis a interrogação que o autor fazia a si próprio: Por aqui podes calcular como o autor poderia ter sentido essa pintura. Pois bem: sabes como o júri acolheu esse trabalho? O melhor possível. E na notícia enviada aos jornais — certamente pelo mesmo júri — o nosso amigo era alcunhado de sobre-realista. É fantástico! Imagina tu a consciência desse júri... Este pintor, que é um cérebro equilibrado, não se sentia muito bem para com a sua consciência. Contudo, a despeito do seu aparente sucesso, não se iludiu quanto à categoria do trabalho exposto e resolveu este ano modificar a impressão que o seu trabalho deixara, expondo um trabalho equilibrado, que estivesse, enfim, com a sua maneira de sentir. Vi a tela a apresentar. Era notável a diferença e somente um leigo poderia enganar-se. O autor estava satisfeito com o seu trabalho e o quadro foi enviado à Exposição. Alguns dias depois o pintor recebeu uma carta com a resolução do júri. O seu quadro tinha sido rejeitado! Estás pasmado? É natural. Mas há mais e melhor. Um amigo meu pensava enviar a essa exposição um quadro que estava a pintar. Preencheu antecipadamente o respectivo boletim mas, como não lhe tivesse sido possível concluir o trabalho, dentro do prazo marcado, não o enviou. Sabes, porém, o que aconteceu? Simplesmente este facto fantástico: recebeu da entidade compe-

tente uma carta nestes termos:

Ex.^{ma} Senhor:
Venho comunicar a V. Ex.^{ma} que a Comissão de Admissão à IX Exposição de Arte Moderna, realizada sob o patrocínio deste Secretariado, entendeu que as obras por V. Ex.^{ma} apresentadas, embora dignas de figurar em qualquer outro certame, não se ajustam ao espírito e intuídos do que será inaugurado na próxima quarta-feira, lamentando por isso que os referidos trabalhos não possam ser expostos.

Rogo, pois, a V. Ex.^{ma} o obséquio de mandar retirar os referidos trabalhos, que se encontram à sua disposição na Rua de S. Pedro de Alcântara, 45, 2.^a, e lhe serão entregues mediante documento por V. Ex.^{ma} assinado.

Apresento a V. Ex.^{ma} os meus melhores cumprimentos

A Bem da Nação

Secretariado Nacional da Informação Cultural Popular e Turismo, em 13 de Janeiro de 1945.

O Sub-Director
(a) António Eça de Queiroz

O que dizes a isto? Como vês, pode concluir-se que o júri não excluiu ou admite um trabalho em face da obra apresentada, mas sim à vista dos boletins entregues, o que constitui uma falta de noção de responsabilidades, sem direito, sequer, a comentários — ou, então, temos de concluir que a organização dos serviços administrativos desta secção não caminha em maré de rosas...

Certamente, não duvidarás do que te afirmo, pois posso provar-lo. Mas vai já longa esta carta, meu amigo. Desculpa o tempo que te tomei, conforma-te com o teu mal à custa do mal alheio e crê sempre no

RUDY

Associação Académica da Amadora

(Continuação da pág. 20)

não dispusermos de um campo próprio, que esperamos adquirir em breve.

— Não têm qualquer auxílio estranho...

— Não senhor. Vivemos exclusivamente dos nossos sócios, actualmente cerca de 350.

E a concluir:

— Estamos firmemente convictos num futuro próspero. A vontade que anima todos os amadorenses académicos não quebra, o que significa uma vitória. A outra meta, também não será difícil alcançá-la.

Um sonho? Ou talvez não...

(Continuação da pág. 8)

mento que fiquem bem esclarecidos o tamanho, idade e condições dos touros, os mínimos requisitos que devem possuir as praças onde o espectáculo se possa realizar, a defesa do cavalo no primeiro stérco da lide à espanhola, as penalidades a aplicar a «espadas» e picadores quando por ordem daqueles ou vontade destes forem os touros picados com excessiva vantagem, as medidas a tomar por forma a tornar mais breve — pelo menos nos primeiros tempos — o período de tempo que decorre entre o primeiro e o terceiro sautis quando no stérco final e como estes todos aqueles pontos que da melhor maneira e sem furtar carácter à Festa, possam suavizar quanto possível o lado bárbaro de uma diversão que, sem a menor dúvida, tem muito mais de arte que de crueldade. Mas porque muitos toureiros nacionais quando se dedicavam à profissão, não podiam supor uma transformação futura, justo é que se salvaguardem os seus interesses, principalmente os dos cavaleiros.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

BO Desejo de Coçar Passou. A Irritação é Dominada. A Pele Represca-se e o Alívio Começa

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CRÓSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADENTINA

ATRÁS DO MICROFONE

Mais um com o pé no estribo

CONSTA que um conhecido produtor radiofónico parte brevemente para o estrangeiro contratado para fazer parte duma equipa de Rádio muito popular em Portugal.

Falamos com ele pelo telefone e desfechamos-lhe estas perguntas:
 — É verdade que V. vai?
 — Ouvidos do lado de lá?
 — É possível...
 — Não tem pena de partir?
 — Olhe, lembre-se da resposta da Duquesa de Gusmão: «Mais vale ser rainha por uma hora do que duquesa toda a vida».
 — E quando vai?
 — Se for, na primeira quinzena de Fevereiro; se não for, de qualquer maneira, partirei para qualquer parte por todo este ano...
 — Vontade de ganhar dinheiro?...
 — Não... Vontade de viver a vida mesmo que sejam necessários sacrificios...
 Terminamos esta entrevista-relâmpago com a frase sacramental que se ouve nos barbeiros: «O senhor que se segue?»...

«GONGS»

Consta que a E. N. fará reaparecer o programa «Variedades» com a colaboração duma grande orquestra privada, que tornará possível qualquer género musical. Fala-se muito em Tavares Belo, director da Orquestra Toselli, como possível director dessa futura orquestra.

* Uma entidade portuense espera o último material encomendado para inaugurar uma empresa de gravação de discos comerciais. Tal iniciativa merece, incondicionalmente, o maior apoio de todos. Era precisamente duma empresa deste género que a nossa Rádio precisava. Oxalá nada perturbe o plano previsto. A Rádio portuguesa terá muito a agradecer.

* Consta que foi dirigido um convite oficial ao locutor de R. C. P., Artur Agostinho, para ingressar no quadro de locutores da Emissora Nacional.

* Está a prestar serviço em Rádio Clube Português, como locutor e encarregado da programação, o antigo locutor José do Nascimento.

* Um bom programa na estação do Pôrto, Ideal Rádio: o de música de concerto das terças-feiras, à noite.

* Rádio Peninsular começou a apresentar programas de variedades, realizados no exterior perante público e que são retransmitidos pela sua estação. É de levar esta iniciativa que não deve morrer.

* Na «Orsec», do Pôrto, um locutor aliás com muito boa voz, continua a telmar em não ter personalidade, imitando constantemente um conhecido locutor da nossa estação oficial...

GRACINHAS...



* Em fins de Fevereiro, Rádio Clube Português inaugura a sua nova estação. Prevê-se que se consiga uma potência antena de 25 kilowatts com 100 % de modulação. Isto equivale a dizer que R. C. P. ficará perfeitamente audível em todo o país.

* Lemos na secção do Norte de «Os Rídiculos» um «suetos» atacando a nossa crítica ao emissor portuense Ideal-Rádio. Para começarmos a nossa resposta, devemos dizer a esse senhor pseudo-crítico radiofónico, que quem faz crítica de teatro é gente que percebe de teatro; crítica literária, gente que percebe de literatura; de cinema, gente que percebe de cinema; e de rádio, gente que percebe de Rádio... Ora, que nos conste, este senhor não é, nem pode ser, crítico de Rádio. Quando muito, terá um aparelho de Rádio em casa e gostará das emissões populares de Ideal-Rádio, o que, embora não o lisonjeie, está no seu pleno direito... Gostos não se discutem... Agora, que esse senhor, armado em paladino de Ideal-Rádio, lance insinuações falsas e de pouca correcção, é que não está certo... Apesar de nossa «crítica» o senhor «crítico» dizer que não é por interesse pessoal que defende Ideal-Rádio, duvidamos... E até nos lembramos duma crónica escrita, ainda não há muito tempo nesse mesmo jornal, a propósito da mesma estação, em que se dizia, pouco mais ou menos, o que nós dissemos. Ora, Ideal-Rádio, segundo informa constantemente o seu locutor, tem mantido sempre as mesmas características. O que mudou, com certeza, foi o ponto de vista do senhor «crítico».

Vamos, um esforçozinho: consulte uma colecção do seu jornal e refresque a memória.

O senhor «crítico» está enganado: nós não atacamos Ideal-Rádio; defendemos a Rádio!... Apontamos nestas modestas e bem intencionadas críticas, os defectos e os males, para que sejam limados e postos de parte. Aplaudimos as boas iniciativas. E assim, aplaudimos e achamos muito bem, na sua essência, as emissões dominicais de Ideal-Rádio. Queríamos até que fossem o que dizem ser: populares. Mas não passam de «popularchas». É que, uma boa iniciativa pode ser estragada, se não se tiver em conta que a Rádio «distribui e educa»; e que um locutor incompetente e palavroso, não serve a função da Rádio. Emissões populares de música portuguesa, achamos muito bem! Emissões leves e sem pretensões, ainda muito bem! Mas programas que não servem o público, antes o deducam, que não servem a Rádio, antes a prejudicam, isso não! E como não há, por enquanto, poderes públicos que façam a boa obra de limpar a Rádio do que é muito mau, nós, desta modesta página, vamos fazendo o possível para — sem más vontades, sem idéias preconcebidas e sem má-fé — levantarmos o nível da nossa Rádio.

As verdades amargas são como certas canções de cançonetistas da Rádio: não são boas de ouvir e indispõem-nos...



FRANK SINATRA, UM CASO DE LOUCURA COLECTIVA...

FRANK Sinatra é hoje considerado o mais popular cantor da América. Foi ele que, até certo ponto, destronou deste lugar Bing Crosby — que durante oito anos foi o campeão da popularidade — provocando a maior reacção do público perante um artista ligeiro!... As jovens americanas de hoje morrem de amores por este cantor!... A imprensa apregoa a «sinatrites», a maior epidemia de todos os tempos!... Os letreiros luminosos e os cartazes chamam-lhe «o cantor-monstro», «o feio irresistível», etc., etc!... Ora o caso é que Sinatra é, quanto a nós, um cantor igual a tantos outros e mesmo inferior a Bing Crosby, Bob Eberly ou Tony Martin!... As trombetas da publicidade e o estado combalido e piegas, consequente dos horrores da guerra das jovens americanas, fizeram deste cantor de Rádio um «semi-Deus» que fala de amores em compassos de «slows»!... Mas vamos à história artística de Frank Sinatra: era redactor dum jornal desportivo. Um dia ouviu Bing Crosby e decidiu ser cantor. Dirigiu-se ao produtor do célebre programa da N. B. C., «Discovery», major Bowers e, após uns meses de ensaios, este lançou-o. Actuou 18 semanas nesse programa, sempre auxiliado pela publicidade fantástica de que o produtor Bowers dispôs. E assim começou a sua carreira meteórica para a fama... Depois passou por alguns «cabarets» em New Jersey e Nova-York, acabando por aceitar novo contrato para a Rádio, desta vez como vocalista da orquestra de Harry James. Passou, seis meses depois, para o orquestra de Tommy Dorsey, onde permaneceu alguns anos. Frank Sinatra resolve, mais uma vez, abandonar a sua actividade radiofónica e trabalhar por sua conta em teatros e «cabarets»... Mas volta de novo a aceitar um contrato na Rádio, oferecido ainda pelo seu descobridor major Bowers, que mais uma vez lhe proporciona uma publi-

cidade esmagadora... Frank Sinatra aparece então como veleta absoluta, chefiando os dois popularíssimos programas «Rádio Hit Parades» e «Comande Performance»...

Hoje, Sinatra arrast: uma multidão atrás da sua voz!... A Rádio e o cinema pagam-lhe milhões e o público feminino exige cada vez mais Frank Sinatra, «o cantor-monstro», «o feio irresistível», etc!... E as senhoras desmalam — acreditem! — ao som «da voz do amor», da voz de Frank Sinatra!...

Ah, quando as mulheres se convencem de qualquer coisa!...

CARTAS DOS OUVINTES

MAPIAZINHA (Mala) — A sua carta é bastante agradável e simples. Parabéns por ela. Escreva para o Rádio Clube Português, Parede, e envie 2\$50 em selos.

VERA CRUZ — Jorge de Melo tem tido, de facto, uma actividade bastante escassa, na E. N. Mas voltará, certamente. — A foto que pretende pode pedir-la em carta enviada para o R. C. P., Parede. Mande 2\$50 em selos.

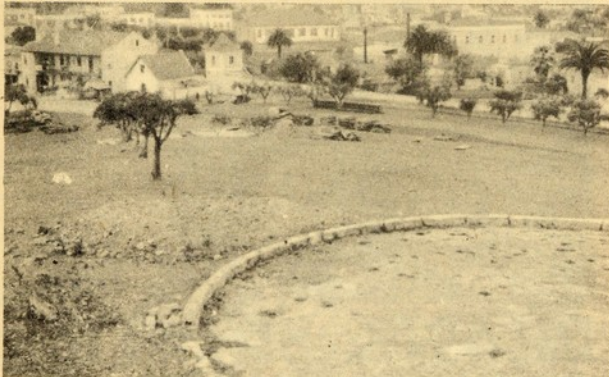
ABREU E SA — Tem razão, meu amigo. É perfeitamente possível que qualquer pessoa que queira fazer o seu réclame, escreva para esta secção, perguntando sobre si mesmo ou usando o processo de pór, como pseudónimo: «Um admirador de X» (sendo X, o seu próprio nome...). Pode também pedir aos amigos que o façam... Mas de qualquer maneira, nada lucra.

Veja que, só em casos convincentes, se responde usando o nome do visado; regra geral, valemo-nos de um «o artista em questão», o locutor em que fala», «a pessoa a que se refere... É pois, como vê, trabalho baldado... É, aparte isto, o nosso laconismo, não é compatível com publicidades por conta própria!...

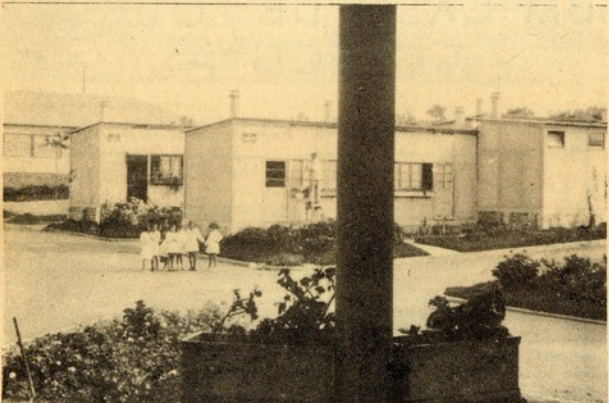


Retrato do tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da C. M. L.

O MUNICÍPIO DE LISBOA ESTÁ A REALIZAR UMA GRANDE OBRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL



Aspecto da Quinta das Furnas, onde vai ser edificado um novo bairro



Um recanto do bairro da Quinta da Calçada



QUASI diariamente os jornais publicam elogiosas e largas referências aos múltiplos aspectos da grandiosa tarefa levada a efeito pela Câmara Municipal de Lisboa, principalmente nos últimos dez anos, e à acção do seu ilustre Presidente, sr. tenente-coronel Alvaro Salvação Barreto, digno continuador da obra dos seus antecessores naquele espinhoso e delicado cargo, um dos mais difíceis da nossa administração pública.

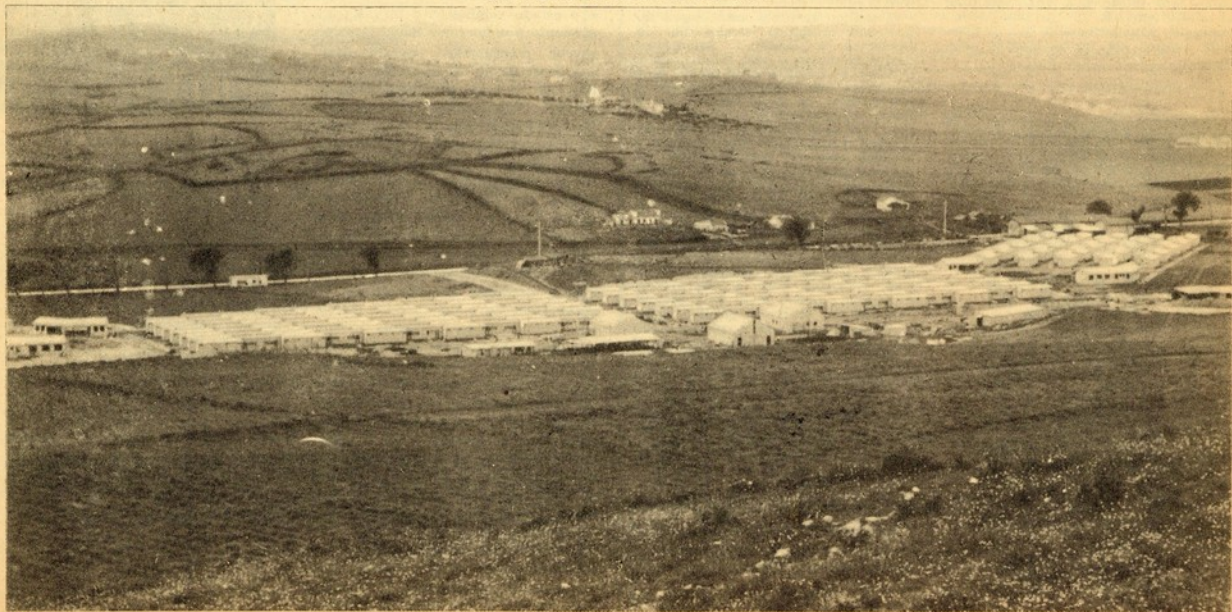
Porém, uma das facetas menos focadas, mas certamente uma das mais interessantes, pelo seu alto significado social, é a de construção de dois bairros de casas desmontáveis, que abrigam actualmente cerca de 5.000 pessoas, muitas das quais se encontravam em perigo moral e sanitário, e viviam pior do que animais em barracas de lata ou em furnas da Serra de Monsanto, na maior promiscuidade e sem os mais elementares preceitos de conforto e higiene.

Esses simpáticos bairros, situados na Quinta da Calçada, em Telheiras, e na Boa-Vista, ao Calhariz de Benfica, são constituídos, respectivamente, por 500 e 488 moradias, em que habitam cerca de 1.000 famílias. As casas, em fibro-cimento, de aspecto agradável, com o seu jardim florido em frente, compõem-se de sala de estar e quartos, mobilados com simplicidade e graça, cozinha, chuveiro, instalações sanitárias, água e electricidade. Para os seus modestos moradores, que assim são habituados a uma vida nova, há escotas, capela, mercado, lavadouro, creche e outros serviços de assistência.

O Município de Lisboa abriu, há pouco tempo, concurso para a arrematação da empreitada de ampliação do referido bairro da Boa-Vista, que vai ficar com mais 226 moradias, e de construção, também em fibro-cimento, de um novo bairro de casas desmontáveis na Quinta da Furna, propriedade municipal existente na azinhaga do mesmo nome, em S. Domingos de Benfica, o qual terá as mesmas características e arranjo semelhante ao da Quinta da Calçada. Será constituído por 274 moradias, duas escotas, capela, mercado, lavadouro, creche e edifícios destinados aos serviços de administração, assistência e posto de polícia. Esta empreitada, que deve demorar pouco mais de seis meses a efectuar, será adjudicada em breve.

Por iniciativa da Caixa de Previdência dos Operários e Assalariados da C. M. L. foi, igualmente, mandado edificar o esplêndido bairro de casas económicas Dr. Oliveira Salazar, em Alcântara, cuja entrega oficial à Secção de Casas Económicas do I. N. T. se realizou o ano passado, sob a condição de 70 % das moradias serem ocupadas por funcionários e operários municipais.

Aspecto geral do bairro da Boa-Vista



Quadro de classificação

do

Problema n.º 3 — 1.º Concurso mensal

COM 20 PONTOS:

- (54) Aljofe (Pórtio).
- (56) All-round Detective (Mafra)
- (52) A. M. S. (Monte Estoril).
- (59) Arthur N. R. (Lisboa).
- (44) António Godofroy (Queluz).
- (57) Detective Branco (Lisboa).
- (57) Detective Omar (Lisboa).
- (20) Detective X (Pórtio).
- (56) Eureka (Lisboa).
- (20) Impressão Digital (Évora).
- (37) Ivone Costa (Lisboa).
- (38) José Valido Sequeira (Lisboa).

- (53) Lobo Solitário (Pórtio).
- (52) Mac B. Learn (Lisboa).
- (56) Mister J. G. Reeder (Lisboa).
- (45) Natércia Leite (Lisboa).
- (45) Rapsag (Setúbal).
- (33) Repórter n. 8 (Vendas Novas).

- (58) Rial Verro (Póvoa do Varzim).
- (39) Rocanol (Nelas).
- (20) Sanado (Lisboa).
- (37) Sherlock Holmes Varelo (Ovar).
- (35) Somos Dois de Braga (Braga).

- (56) Wens (Lisboa).
- (40) Zé dos Anzóis (Lisboa).

COM 19 PONTOS:

- (19) António Cabral (Tábua).
- (19) Eutrópio Machado (Amadora).
- (49) Ferraz da Costa (Lisboa).
- (51) Jobel Cordias (Ovar).
- (19) J. Fazenda (Lisboa).
- (36) Jorge Belo (Lisboa).
- (19) Luís da Silva Oliveira (Coimbra).
- (19) Mister e Motto (Lisboa).
- (35) Mr. Mota (Lisboa).
- (19) Nazarene (Nazaré).
- (19) Nick Carter (Lisboa).
- (50) Rómulo (Lisboa).
- (46) Três Sombras (Lisboa).

COM 18 PONTOS:

- (57) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).

COM 15 PONTOS:

- (31) Repórter F (Lisboa).
- (15) Saloio (Caneças).

COM 12 PONTOS:

- (46) Fernando Rosa (Leiria).

COM 11 PONTOS:

- (25) Detective Vaos (Pórtio).
- (11) H. R. (Pinhel).
- (45) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).

COM 10 PONTOS:

- (49) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (44) O Homem do Cachimbo (Lisboa).
- (30) S. T. Marranhokos (Lisboa).

COM 8 PONTOS:

- (33) Fernando Edgar Trigo (Ermeziende).
- (44) Insignificante (Guarda).
- (19) J. Simões (Caldas da Rainha).

COM 7 PONTOS:

- (36) Abelha Mestra (Coimbra).
- (40) António C. Bernardo (Loures).
- (41) Artur Varatojo (Lisboa).
- (33) Sam (Pórtio).
- (39) Thaula (Lisboa).

COM 6 PONTOS:

- (30) Adarol (Lisboa).
- (42) Agente Z-4 (Matozinhos).
- (44) Fanny (Covilhã).
- (21) M. (Algés).

COM 5 PONTOS:

- (22) Detective de Calças (Coimbra).
- (41) Inspector Manard (Setúbal).
- (24) Zirteba (Lisboa).

COM 3 PONTOS:

- (21) O.K. (Braga).
- (33) Zarathrusta (Beja).

NOTA — Os algarismos entre parêntesis indicam a totalidade de pontos na classificação geral do 1.º Concurso até ao Problema n.º 3, incluído.

RESPOSTAS

1.º Concurso mensal—Problema n.º 4

1. — Pela alínea sexta sabemos que o «Chico Saloio» é parceiro de «O Lagartixa» e do Carlos Damião. Daí o concluir-se, portanto, que Mário da Ermida, o «Maneta», e o espanhol Ramirez são os parceiros de «O Má-Vida». Na alínea sétima diz-se que «O Lagartixa» está colocado entre «O Má-Vida» e o «Maneta», pois só assim pode segredar ora com um, ora com outro.

Além disso, no enunciado indica-se que «O Lagartixa» tem marcas pertencem, respectivamente, a «O Lagartixa» e a Carlos Damião, devido ao facto do «Chico Saloio» guardar as marcas dos seus dois parceiros (alínea sexta).

Logo, como os parceiros têm de ficar colocados em lugares alternados, podemos afirmar que a situação dos presentes era a seguinte, a partir do morto para o seu lado esquerdo: João Carvalho, «O Má-Vida», Carlos Damião, Ramirez, «Chico Saloio», Mário da Ermida, «O Maneta» e «O Lagartixa».

2. — «O Lagartixa», como se vê na foto, é o único que ainda não tem cartas. Logo, estas foram dadas pela esquerda. «O Má-Vida» segura o resto do baralho na mão direita, mas dava as cartas à esquerda, tanto mais que tem o seu cinzel com as marcas do mesmo lado esquerdo. Assim, João Carvalho, «O Má-Vida», era o jogador canhoto.

3. — O espanhol Ramirez era o que estava a beber no momento das detonações. Prova-o a marca que se vê na foto indicando com um X a mancha do copo de vinho. É o único que possui essa marca.

4. — O assassino foi o «Chico Saloio!» Porque? Vejamos: o «Gongalo

Miúdo», empregado do «bar», afirmou que todos estavam segurando cartas com uma das mãos, quando soaram os tiros. Assim, todos tinham uma das mãos ocupadas... e o assassino

(Continua na pág. 18)

O. K. (Braga) — Acho boa a idéia. No final do 1.º Concurso faremos então a classificação por equipas de terra, sendo cada equipa formada pelos dois melhores classificados de cada terra.

Inspector Manard (Setúbal) — Registo a entrada do seu novo problema «Há um morto no Órcas». João Alberto Gouveia (Guarda) — Como vê, o seu pseudónimo já está a ocupar o devido lugar.

R. P. (Lisboa) — Obrigado pelos dados que me forneceu. Vou estudá-los. Quanto à outra idéia... irá para a Tribuna.

Mac B. Learn (Lisboa) — Agradeço o seu interesse e as suas palavras amigas.

Thaula (Lisboa) — Brevemente, talvez tenha uma grande surpresa. Você e todos os leitores...

Mac B. Learn (Lisboa) — Os seus comentários a respeito dos dois primeiros problemas são justos. Mas é melhor partir do mais fácil para o mais difícil, não é verdade? Além disso, nem todos sabem fechar o círculo.

All-round Detective (Mafra) — Está a ser exigente em demasia, meu rapaz... Calcula que o D. Alvares safu da sala onde estava com o sobrinho para ir buscar a chave do cofre. Nessa altura não poderia provocar um curto-circuito? E quanto à minha última palavra ela é sempre a mais justa, acredita!

Rial Verro (Póvoa do Varzim) — Pode escrever à vontade. Estou sempre às suas ordens. E agradeço-lhe o interesse pela secção.

Fanny (Covilhã) — Desculpe, fiz confusão com os dois nomes. Mas nese número já vem rectificada a sua posição. E boa sorte! Wens (Lisboa) e Abelha Mestra (Coimbra) — É favor ler a resposta a Fanny (Covilhã). Estavam ambos no mesmo caso... de confusão.

Impressão Digital (Évora) — Felicitto-a pela sua apresentação original. Gosto disso, de idéias novas. E você começou magnificamente!

Leitores:

Esta primeira parte da correspondência é para todos vós. A agradecer-vos o vosso interesse e o vosso entusiasmo por esta secção. A confessar o nosso orgulho por termos sabido conquistar a boa simpatia de todos vós. E, sobretudo, a prometer-vos uma grande surpresa para breve. Uma grande e magnífica surpresa para todos os leitores e amigos da página «Mistério e Aventura». Calculem! Esta página vai transformar-se numa... Mas, perdão, por agora ainda é surpresa. E eu ia sendo já bastante indiscreto. Mais um pouco de paciência, leitores. Garanto-vos que vale a pena ter paciência. A surpresa é das melhores. Portanto, até para a semana. E, entretanto, vão arranjando novos amigos para esta página.

Aljofe (Pórtio) — As suas considerações são razoáveis... mas estão um pouco fora dos dados simples e limitados do problema mencionado. Repórter n.º 8 (Vendas Novas) e Natércia Leite (Lisboa) — Obrigado a ambos por terem sido francos. Isso não afecta, em nada, a vossa pontuação no referido problema... e vinca a vossa honestidade!

REPORTER MISTÉRIO

Comentários do Repórter Mistério

— Este terceiro problema trouxe duas novidades interessantes: registou o maior número de solucionistas totais, até hoje, e, em contrapartida, fez com que alguns dos solucionistas de maior «cartel», na 1.ª série de Problemas, sofressem uma rigorosa baixa de pósto.

— Tornei a receber protestos. Alguns com razão. Outros, porém, a grande maioria... apenas por protestar. E o mais curioso é que são sempre os menos classificados... a protestar mais. Mas, não tenham receio. Quando há justiça a fazer... eu faço justiça!

— Ao cabo dos três primeiros problemas, a classificação geral toma novos aspectos e a luta torna-se ainda mais aguerriada. Vejo, com satisfação, que muitos novos estão colocando em cheque os «veteranos»

da secção. E espero que estes não se deixem intimidar.

— Eis a posição dos primeiros classificados, até ao problema n.º 3:

COM 59 PONTOS:

Arthur N. R. (Lisboa).

COM 58 PONTOS:

Rial Verro (Póvoa do Varzim).

COM 57 PONTOS:

Detective Branco (Lisboa).
Detective Omar (Lisboa).
Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).

COM 56 PONTOS:

All-round Detective (Mafra).
Eureka (Lisboa).
Mister J. G. Reeder (Lisboa).
Wens (Lisboa).

(Continua na pág. 18)

SISTEMA ORIGINAL DE APOSTAS

Do 1.º Concurso Mensal de «Mistério e Aventura»

Começamos hoje a dar o Registo de inscrições neste Sistema Original de Apostas sobre o produtor e o solucionista, vencedores do 1.º Concurso Mensal de «Mistério e Aventura»

N.º de inscrição	Concorrente	Favoritos		Apostas	
		Produtor	Solucionista	No produtor	No Solucionista
4	«All-round Detective» Mafra	Leiria Dias	Miss All-Round	O roubo do brilhante azul	Os assassinos de Castelo Saint-Denis
5	O Homem do Cachimbo Lisboa	Leiria Dias	O Homem do Cachimbo	Um livro à escolha	Um livro à escolha
6	Aljofe Pórtio	Leiria Dias	Leiria Dias	Gangsters em Paris	O lobo solitário
7	Luiz Manuel Tomé Lisboa	Artur Varatojo	Leiria Dias	O Penitenciário 1022	O Club dos Gangsters
8	O. K. Braga	Artur Varatojo	Insignificante	Os Fantasmas	Novas aventuras de Sherlock Holmes
9	Natércia Leite Lisboa	Artur Varatojo	Leiria Dias	O cavaleiro da Noite	Sets homens mortos
10	Saloio	Artur Varatojo	All-Round Detective	Noites tenebrosas de Xangai	Os mistérios da Torre de Londres
11					

Foi inaugurado o "Museu do Trabalho" que é a epopeia do trabalhador

«A VOZ DO OPERÁRIO», instituição das classes trabalhadoras, que conta hoje 50.000 associados e que nasceu, humilde, num recanto de Alfama, inaugurou, há dias, o seu «Museu do Trabalho». Em nenhuma parte melhor ficaria esse preito ao trabalhador do que na «Voz do Operário», teto de todos os que mourejam e ganham o pão de cada dia com o suor do rosto. Raúl Esteves dos Santos, batalhador impenitente, trouxe, com esta sua iniciativa, mais uma bela página para a história da velha sociedade. O «Museu do Trabalho» é o documento vivo do esforço dos obreiros ignorados, séculos sobre séculos criando o progresso das sociedades: lá está a mina, bocarra sinistra, aberta no ventre da terra, por onde os homens descem, alheos ao sol que ilumina os campos, ansiosos e vergados, perfurando a rocha, com a morte sobre os ombros à procura dos mundanos diamantes que depois refulgem nas vitrinas; é a forja, o martelo, o malho, o rebite, a hélice, a turbina que arrastam toneladas, a caldeira, o gerador, dínamos, tornos, frezas — todo esse arsenal que, benditamente, produz e dá o pão ao trabalhador. Em meia dúzia de salas espaçosas foram expostas as ferramentas dos operários e os gráficos que elucidam os aperfeiçoamentos que foram sofrendo as primitivas locomotivas — às mais modernas — com legendas claras, desde a força desenvolvida ao carvão recebido.

Uma das salas mais curiosas explica a evolução do trabalho. Os antigos — Aristóteles, por exemplo — achavam o trabalho só digno dos escravos. Miguel Angelo retratou-os, açoitados por chicotes, revolvendo a terra. A escravatura — negócio dos opulentos — tem quadros alegóricos no «Museu do Trabalho». Faziam-se lotes — dois escravos e um cavalo. Era tudo a mesma matéria. Gradualmente, o homem foi-se emancipando. Ele, com o seu esforço, com o seu trabalho, era também um obreiro da civilização e tinha de ser considerado na sociedade.

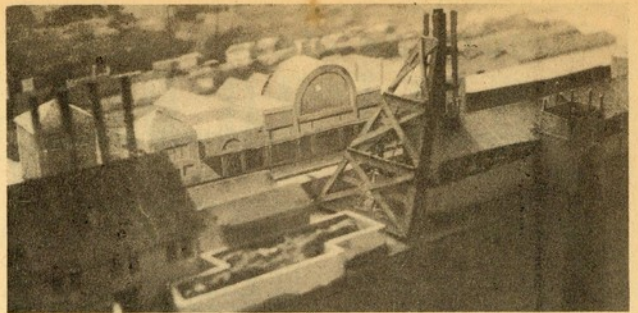
O arado, a charrua, a enxada, revolviam a terra sem que ninguém se lembrasse desse esforço. Mas o trabalhador tornou-se livre — e o artífice fez-se artista. O ferro e o bronze moldaram-se em obras de arte. E do operário apareceu um novo artífice que desenha, que pensa, e que todos os dias acrescenta ao seu labor da oficina uma nova experiência de estudo.

No «Museu do Trabalho» há a história e a técnica do trabalhador. O martelo e o machado pré-histórico ocupam uma vitrina. Nos outros seis compartimentos — salas espaçosas — está tudo exposto, como documentário flagrante das actividades operárias — desde a arquitectura fabril à hígine no trabalho e aos recentes motores «Diesel» que accionam instalações de milhares de trabalhadores. Uma das salas fala-nos apenas dos acidentes de trabalho. Ali estão as máscaras que protegem os olhos, as luvas do electricista, tudo que possa afastar o contacto das altas tensões.

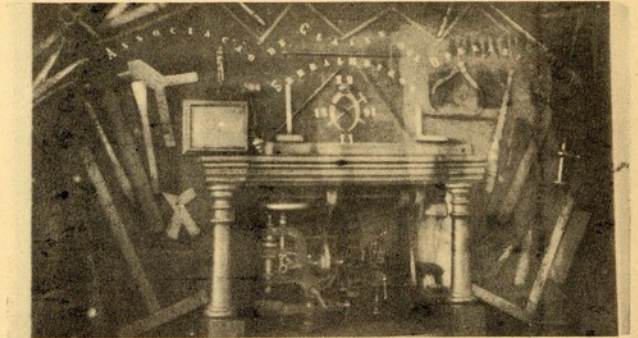
A hígine do trabalhador não é descuidada. O trabalho na Idade Média, com os códices portugueses, estampas de catedrais e a foice; e, depois, noutra sala, as locomotivas, com gráficos, minas de carvão, tudo que é matéria-prima para produzir vapor.

Na biblioteca — que funciona com o regime de empréstimo de livros aos associados — além de inúmeros desenhos, gravuras, textos, há muitos volumes de ensino profissional. O trabalhador português tem, aqui, o seu «Museu». «A Voz do Operário» proporcionou ao público ensino de conhecer, num documentário vivo, a evolução do trabalho — única finalidade de todo o homem na terra — que lhe dá o direito de existir!

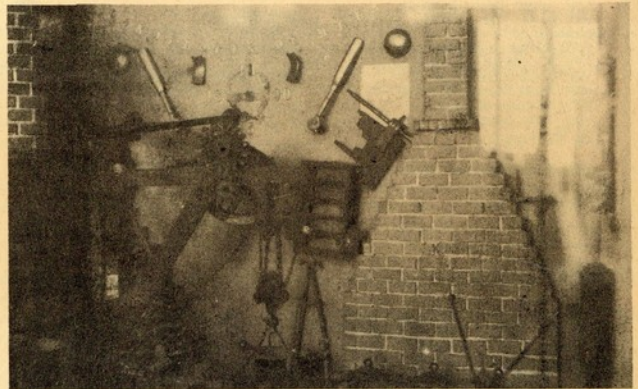
«Foi o trabalho que o libertou da escravatura — é o trabalho que o liberta da miséria».



Um bairro operário com fábricas de milhares de obreiros. Longe das cidades — estes bairros modernos são babalónias do esforço onde o martelo e a bigorna trabalham continuamente para o progresso da humanidade.



Curioso aspecto duma das salas. Ferramentas que todo o operário conhece — o compasso, a lima, o alicate, o martelo — como se estivessem à espera de apito nas oito horas para entrarem na luta cotidiana. Mas agora, não. Descansam burguesamente como objectos decorativos.



O esforço do homem nunca conheceu limites. Ele é capaz de estoirar a vida na galeria duma mina para que o mundo se não prive dos brilhantes! Eis aqui algumas ferramentas que descem com o operário ao negro sub-solo.

Comentários do Sinceramente, agradecemos! Repórter Mistério

(Continuação da pág. 17)

COM 55 PONTOS:

Lelria Dias (Lisboa).

COM 54 PONTOS:

Aljofe (Pôrto).

COM 52 PONTOS:

«O Lobo Solitário» (Pôrto).

A. M. S. (Monte Estoril).

Mac B. Learn (Lisboa).

Depois segue-se uma muito longa lista, em que há, ainda, imensas esperanças... e imensas probabilidades de alcançar os favoritos.

— Da análise desta tabela vê-se que apenas Artur N. R., um estreante, de Lisboa, conseguiu manter a «camisola amarela», isolando-se, agora, na vanguarda.

Rial Verro, estreante, também, mas de Matozinhos, continua a perseguir com uma regularidade espanhola. Até parecem o Nicolau e o Trindade, dos bons tempos.

Quando aos outros, há a contar com eles todos, pois que podem no último problema arrancar, de vez, a «camisola amarela».

Para a semana... veremos!

REPORTER MISTÉRIO

Sinceramente, agradecemos! (Continuação da pág. Mistério e Aventura)

No número de Dezembro de «O Enigma», interessantíssimo e popular mensário de divulgação charadística, vem a seguinte notícia, que transcrevemos com a devida vénia:

«O nosso jornal sempre pensou criar nas suas páginas várias secções que se lhe afiguram belas manifestações de inteligência e argúcia. Entre estas conta-se uma dedicada aos problemas policiais, jogos magníficos para o desenvolvimento intelectual, através duma ginástica mental sempre proveitosa.

O primeiro concurso de decifrações intitular-se-á «Concurso Repórter Mistério», como páida homenagem ao prezado amigo que, inteligentemente, orienta a secção congénere «Mistério e Aventura» que se publica na esplêndida revista «Vida Mundial Ilustrada».

Não podemos deixar de agradecer, profundamente sensibilizados, esta simpática prova de camaradagem de «O Enigma» e do seu orientador em matéria de problemas policiais, o brilhante e desenvolvido Lelria Dias, um dos espíritos mais cultos e sagazes que se dedicam, no nosso país, aos problemas da inteligência e do raciocínio.

Fazemos votos para que o Concurso, iniciado sob a nossa modesta égide, alcance um sucesso maior do que o desejado, e que se batam, também, cavalheirescamente, nas colunas de «O Enigma» os melhores contendores da página «Mistério e Aventura».

RESPOSTAS

1.º Concurso mensal — Problema n.º 4

(Continuação da pág. 17)

sino seria necessário utilizar-se da outra mão para atirar sobre «O Má-Vida».

Mas o Mário da Ermida era maneta (alínea terceira). Carlos Damião só tinha disponível uma das mãos (alínea quinta), e com essa segurava precisamente as cartas. «O Lagartixa» segurava as cartas com uma das mãos e com a outra contava as marcas (alínea sétima). O espanhol Ramirez utilizava a mão livre para levar o copo de vinho à boca (alínea oitava).

Portanto, como todos estes estavam inocentes, restava apenas, por exclusão de partes, «O Chico Salafos».

E, na verdade, acusado por Ricardo Emílio, ele declarou ter morto «O Má-Vida», seu ex-parceiro, por descobrir que ele «trapaceava» o jogo...

Os nossos concursos das quintas-feiras

Todas as quintas-feiras, ao abrir a nossa revista, o leitor poderia encontrar a agradável surpresa de se ver nela retratado, com o direito de assistir ao melhor espectáculo da semana, numa das melhores casas de exibição. Afinal, por motivos alheios à nossa vontade, vimos-nos obrigados a terminar com esse concurso original e de tantas vantagens para os nossos leitores. «Vida Mundial Ilustrada», porém, não deixará de responder à preferência de quem a lê e aprecia, procurando sempre criar um maior e melhor motivo de leitura.

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
À venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de VIDA MUNDIAL



O problema moral das empregadas domésticas

TODAS as senhoras que têm a sua casa e precisam de recorrer ao trabalho de pessoas estranhas conhecem hoje quanto é agudo e complexo o problema de arranjar uma empregada. Falta-nos uma lei que proteja essas raparigas de tantos maus encontros fora das horas de serviço e, por outro lado, não há ainda uma lei que defenda uma dona de casa de trazer para o seu lar uma pessoa irremediavelmente.

Cremos, por isso, que é de toda a urgência pensar na solução de um problema que não é apenas de trabalho mas também de moral. Sem dúvida, há muitas senhoras — e o hábito faz lei, está claro — que abusam do esforço que deve ser exigido a uma empregada, fazendo-as trabalhar fora das horas que poderiam ser consideradas regulamentares — oito ou mesmo dez. Este horário de «moto-contínuo» vem do tempo em que a palavra «criada» não tinha o sentido inferiorizante que hoje tem, pois significava, apenas, aquela que era de criação das amas.

Assim, se se dizia «a minha criada», queria apenas significar «aquela que eu criei de pequenina» — aquela que eu trouxe para minha casa de muito criança. A criada quasi fazia parte da família, como tal era tratada e trabalhava. Com o tempo, os costumes evoluíram. E, hoje, a criada passou a chamar-se empregada, como tal querendo usufruir direitos — de simples mercenária.

Simplemente, o seu problema moral complicou-se. As raparigas que vêm trabalhar para nossas casas, exigem liberdade de domingos, de pedaços de noite, etc.

Que fazem, então, essas raparigas que as donas de casa transmitem em deixar ao abandono, se querem ser servidas? Precisamente — abandonam-se a uma vida muitas vezes condenável.

E aí está a razão deste artigo: é preciso fazer uma lei que liberte as raparigas da dureza dos trabalhos — quando os patrões forem exploradores — mas que as defenda dos perigos da vida livre que levam. Do mesmo modo — é preciso que um organismo responda pela sua honestidade e que se habitue a sociedade a exigir das serviços um cartão de identidade, uma carteira profissional actualizada, cada vez que as raparigas se de-empregam. Lá fora é assim que se faz. Aqui, guiemo-nos ainda pelas «informações» que quasi sempre nada dizem...

Não competirá às mulheres portuguesas — e temos deputadas que podiam olhar este problema — solicitar a regulamentação deste caso?

LEIA, QUE LHE INTERESSA...

SE tem um lindo casaco de flanela branca — e vem aí a Primavera, com os seus dias de sol! — que por desgraça apanhou algumas manchas, pegue numa porção de glicerina, empape bem a fazenda nos lugares manchados e deixe-a ficar assim durante uma hora. Depois, passe por uma espécie de lixívia, feita de sabão fervido e enxugue rapidamente. Mas, não se esqueça: sempre que a flanela branca seja metida no sabão fervido, deve previamente ser passada por água limpa.

* * *

VAI viajar? Tem medo do enjôo? Mas é tão fácil evitá-lo! Ora experimente: um pouco de pepsina (o que couber na ponta de uma faca) com cinco gotas de ácido hidroclorídrico e água que chegue para adquirir um gosto semelhante ao da limonada. Se tomar um pouco deste líquido de vez em quando — antes das refeições — ficará preparada para receber os ataques do enjôo...

HOJE estão em moda os móveis antigos. Mas as senhoras modernas nem sempre estarão em condições de saber limpá-los ou mandar as suas empregadas — porque não havemos de abolir o termo «criada», à maneira do que fizeram os brasileiros? — cuidar da sua limpeza. Aqui está, portanto, o modo de limpar móveis antigos: 1 litro de álcool, 20 gramas de óleo de linhaça, 100 gramas de pedra pomes em pó, e 5 de ácido sulfúrico. Mistura-se tudo bem e, com este líquido, empape-se um pedaço de flanela que se esfrega nos móveis. A fricção deve ser rápida e, para que seja mais duradoura, convém dar aos móveis uma capa de verniz.

* * *

ENFIM, aqui está uma outra receita e muito útil, por certo, principalmente agora que se usam as fitinhas ao peixeço. Para as lavar — as brancas e as de cor — usa-se a bugina ou a neupalino e a seco ou, então, limpam-se com essência de terebentina ou com pó argiloso. Engomam-se, depois, colocando-as entre dois panos úmidos.

OS NOSSOS MODELOS



Não é verdade que tem charmes este vestido de lã, com mangas tão originais?

As receitas da semana

PATO A PERE DOULET

Deite numa caçarola, na medida do pato, um pouco de salsa, dentes de alho, dois cravos da Índia, tomilho, louro, mangericão, uma pitada de coentros, cebola às rodas, cenouras, um bocado de manteiga, dois copos de caldo e um de vinho branco. Coza tudo — com o pato gordo juntamente, claro — durante duas horas, em fogo lento. Depois, passe a coação pela peneira, desengordure, reduza e sirva por baixo do pato, que pode ser acompanhado de arroz de manteiga.

«OMOLETTE» À JARDINEIRA

Arranje um guisado de toda a espécie de legumes: ervilhas, feijão verde, favas, cenouras, nabos, hervagens — o que tiver ou quiser. Mas que o guisado fique bem temperado. Então, pegue em metade do guisado, que deve ficar bem apurado e sem molho, misture com os ovos que quiser, bata bem, deite na frigideira e faça uma «omolette» vulgar. A segunda metade que lhe ficou do guisado poderá, então, ser servida sobre a «omolette».

CARNAVAL 1945
ESTAMOS a oito dias, e os nossos filhos não-de vestir de momies — esse espectro cada compreende só a crianças, entretanto, e admite. Cremos que as nossas leituras, para os seus filhos se divertirem na esmalteadas de diversais. São trajes espanhóis e alemães.



CAMILLO,

SÃO MIGUEL DE SEIDE E A CASA-MUSEU

Na penúltima vez que visitei a casa-museu de São Miguel de Seide, tive por companheiro de excursão António Lopes Ribeiro. Preparava este homem de cinema, para breve, a apresentação, no Pôrto, que era, simultaneamente, a estreia, em Portugal, da sua obra cinematográfica extraída do mais famoso romance do mais fecundo romancista português. Pretendia António Lopes Ribeiro, entusiasta de Camillo, que a cinematografia — perdê-se-me o neologismo... — do «Amor de Perdição» mais devoto do mestre tornou, que a última morada terrena de Camillo, de cujo descabro tinha conhecimento, passasse pela benficação necessária e indispensável à dignificação daquele edifício cuja existência não é, por certo, ignorada por nenhum português medianamente culto.

Homem prático e habituado a realizar os seus sonhos, quando — como é óbvio — de sonhos impossíveis se não trate, António Lopes Ribeiro expôs-me, como a outros, o seu plano de acabar, até onde fosse possível, com aquela vergonha, intolerável num país em que a tradição camiliana é ainda considerável. Pediu o meu apoio à sua iniciativa. Porque era digna dele, deli-lo do melhor grado. Consistiu esse apoio — e outra espécie de apoio não pleria dar-lhe um homem de pena — na publicação de longo e pormenorizado artigo acerca da visita para que António Lopes Ribeiro me convidara e, principalmente, do que era preciso e urgia fazer na casa-museu de São Miguel de Seide.

O apuro da primeira ou das primeiras exhibições — cito de cabeça, porque não tenho o citado artigo à mão — do «Amor de Perdição» destiná-la a António Lopes Ribeiro a custear as obras de reparação, arrumo, aformoseamento da vetusta mansão camiliana. O presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e um dos vereadores, o jornalista José Maximino da Silva, que nos acompanharam na visita, prometeram todo o seu interesse pelo assunto e agradeceram a benemerência de quem, por amor a Camillo e à sua obra, se propunha, *sponte sua*, para salvar do desleixo dos homens e das injúrias do tempo uma respeitável relíquia nacional.

Mais de um ano e meio após a visita e o oferecimento de António Lopes Ribeiro e poucos dias depois de, em nova e impressionante passagem pela casa-museu de São Miguel de Seide, ter tido o ensejo de verificar que o *statu quo ante* subsistia

all, disse-me António Lopes Ribeiro, por ocasião da estreia, também no Pôrto e em Portugal, da sua última produção cinematográfica, que a sua promessas não fôra ainda cumprida, não por sua culpa, mas, naturalmente, por culpa daqueles a quem o caso, directamente, interessava. Assim é, com efeito. Não duvido de que a promessa de António Lopes Ribeiro será cumprida, mas duvido — porque, há mais de seis anos, me entretenho, jornalisticamente, a malhar em ferro frio... — de que aqueles a quem o cumprimento dessa promessa directamente interessa se lembrem sequer do que se prometeu. Abro uma excepção para José Casimiro, director do semanário «Estrêla do Minho» e, sem favor, o mais denodado paladino famalicense da dignificação da casa-museu de São Miguel de Seide, mas aproveito a ocasião para reafirmar o que, vezes sem conta, tenho afirmado: o caso mais espantoso de desinteresse pela memória do mais assombroso escritor português de ficção — com licença, ou sem ela, dos que pretendem para o Eça a coroa deste pequeno e turbulento reino das letras portuguesas... — é o que a municipalidade de Vila Nova de Famalicão, surda a todos os apelos que se lhe façam, patenteia.

Vila Nova de Famalicão, a que coube a honra de possuir, num dos mais pinturescos e expressivos recantos do seu vasto e feraz concelho, uma casa que é, por si só, independentemente do seu recheio, glorioso marco evocativo de histórica época literária, liga tanta importância a essa honra como se, em vez da casa de Camillo, estivesse ali, entre os «pinhais gementes» de São Miguel de Seide, a casota dum cão — e talvez que a casota dum cão fosse mais bem tratada e se mostrasse mais limpa do que a casa de Camillo. Para que a desgraça que perseguia Camillo em vida fosse completa, nem depois da morte deixou de perseguilo. O velho prédio rural que Ana Augusta, no tempo dos seus maridos, trouxe arrumado e aseado, como competia a uma dona de casa que se prezasse de o ser, nunca mais, desde que deixou de ser moradia para se transformar em museu, mostrou a agradável fisionomia peculiar às coisas em que mãos de mulher, zelosa, amorosamente, tocam e, constante, quotidianamente, alindam.

O incêndio de há muitos anos, destruindo, parcialmente, o lar do autor das «Novelas do Minho», vibrou nas preciosas relíquias do templo camil-



Nesta casa solarenga morreu Camillo

lano e no próprio templo camiliano um golpe de que, dificilmente, se resarciram. Um grupo de camilianistas, entre os quais figuravam, salvo erro, o meu querido amigo Dr. Nuno Simões e, com certeza, o meu saudoso amigo Francisco Correia de Mesquita Guimarães, o mais expressivo tipo camiliano que em Vila Nova de Famalicão conheci, tomou-se, por essa altura, de brio e entusiasmo e meteu ombros à empresa de reconstruir o que o fogo destruíra. Vila Nova de Famalicão pagou, assim, em parte, a dívida que para com o mais ilustre dos habitantes do seu concelho contraíra. A obra desses camilianistas, iniciada em vida da viscondessa de Correia Botelho, sendo considerável para o tempo, ficou, todavia, incompleta. Neste país em que a persistência não é, rigorosamente, a virtude mais relevante dos respectivos naturais, é quasi sempre fácil começar e quasi sempre difícil acabar o que quer que seja... De modo que, operada a reconstrução do solar de São Miguel de Seide, restaurada a casa e instalado o museu do escritor, julgamos dignos membros da citada comissão (que o meu prezadíssimo Nuno Simões, se cooperou nesses louváveis trabalhos remotos, não se zangue com a minha maneira de exprimir...) que tudo estava feito — e, como Anibal em Cápua, gozaram as delícias da obra realizada, satisfeitos com a sua consciência, na virgillana, para não dizer camiliana, Vila Nova de Famalicão. Ora manda a verdade que se diga que ficara muito por fazer.

Os anos foram passando. A casa-museu de São Miguel de Seide tornou-se meta obrigatória de todos os excursionistas mais ou menos cultos em camilogia — outro neologismo que os leitores hão-de relevar-me... — ou simplesmente curiosos de conhecer em o sítio e o edifício em que vivera, trabalhara e morrera aquêle romancista que, com a sua vida, o seu trabalho e a sua morte, fizera o maior e o melhor dos seus romances.

O prestígio do mestre aumentou, no tempo e no espaço, pelo menos em Portugal. Simplesmente, a municipalidade de Vila Nova de Famal-

cão, mais interessada em calcetar um trôço de estrada no coração da vila ou expropriar um barracão à beira dum caminho do que em fazer da casa-museu de São Miguel de Seide uma verdadeira casa-museu, continuou, olimpicamente, a marimbar-se para Camillo, para a glória de Camillo e para o reflexo que esse nome único na literatura portuguesa pudesse ter na pacata Vila Nova de Famalicão, celebrizada pelo génio que a habitara.

Entretanto, a casa-museu de São Miguel de Seide, que, há cerca de um mês, após a minha última visita ali, me suscitou mais um artigo em que a mágoa e a indignação se misturaram como sempre, mas mais intensa do que nunca, continua naquele estado deplorável que só terá remédio, por certo, quando a municipalidade de Vila Nova de Famalicão, reconhecendo-se impotente para arcar, sôzinha, com o peso bruto de tamanha glória, pedir ao Estado que tome conta, proclamando-o monumento nacional ou coisa parecida, incluindo-o no património da nação e pondo-o sob a alçada de quem tenha bastante autoridade mental para se ocupar, a valer, daquilo, o quasi abandonado e esquecido casarão de São Miguel de Seide, por onde o fantasma do autor das «Noites de insónia» vagueia e passa, talvez, à espera de que segundo incêndio reduza tudo novamente a escombros, a ver se tem mais sorte com a segunda reconstrução... O que se passa é intolerável. É preciso que se acabe duma vez para sempre com aquela vergonha — que não o é, sómente, para Vila Nova de Famalicão, pois é-o, na realidade, para Portugal.

Não conheço ainda o plano de António Lopes Ribeiro, que regressou a Lisboa sem me expor. Estou certo, porém, de que a sua promessa, oportunamente, se cumprirá. O caso da casa-museu de São Miguel de Seide, que tem atraído a atenção dalguns magníficos espíritos das nossas letras, constitui momentoso problema, quanto a mim, de urgente solução. Já que a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, ignorante, certamente, do que as suas colegas das terras ligadas, por exemplo, aos nomes dum Goethe, dum Schiller, dum Mozart, dum Vitor Hugo, dum George Sand, dum Lamartine — onde iria eu parar, de citação em citação? — fizeram pelas recordações, as relíquias, os despojos daquelas e doutras figuras gloriosas no mundo do espirito, faz, sistematicamente, ouvidos de mercador — sem ofensa para tanto mercador honrado do meu conhecimento — aos apelos que, há tantos anos, se lhe dirigem, daqui me permito apelar para quem, conhecendo, admirando e amando Camillo e a sua obra, esteja em condições de honrar a memória do mestre, dignificando a casa de aldeia em que ele — val fazer cinquenta e cinco anos — pôs ponto final, com uma bala na fronte, ao romance da sua vida, o incomparável romance real que não chegou a escrever — e fol o mais impressionante de todos os romances...

HUGO ROCHA



Durante a visita efectuada, há mais de ano e meio, à casa-museu de São Miguel de Seide, António Lopes Ribeiro, Hugo Rocha, Simão Botelho, o guarda da propriedade, o presidente e o vereador do pelouro de cultura da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e outros visitantes, estudam o problema...

Em breve o 3.º aniversário da ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DA AMADORA ESTÁ EM FESTA

fala-nos Eduardo Loureiro



DENTRO de dias, faz três anos que nasceu a Associação Académica da Amadora, devido ao espírito de iniciativa de um punhado de rapazes amadores que sentiam a falta de uma colectividade desportiva digna de poder representar a ridente vila nas competições de desporto onde os grandes se batem.

Nasceu, como nascem todos os clubes. Animada de sólidos ideais, desejosa de se afirmar com rapidez, mas sem os recursos materiais que tudo — ou quasi tudo possibilitam. Mas a boa-vontade, a persistência dos seus fundadores, aos quais se agregaram outros espíritos decididos e voluntariosos, conseguiram uma coisa indiscutível e incontroversa: ao fim de um ano, a A. A. A. tinha adquirido personalidade.

Reproduzimos o pensamento de um amador, no dia em que a jovem agremiação completará um ano: «...A Associação Académica da Amadora conseguiu fazer, em doze meses apenas, mais de muitos mais do que supunham mesmo os mais optimistas e do que era legítimo exigir-se dos seus modestíssimos recursos. Só uma grande força de vontade — a que é lugar comum chamar-se Milagre de Vontade — poderia tornar possível a realização de uma obra que, apesar de modesta, tem méritos e méritos, não relativos, mas absolutos».

Isto era ao cabo de um ano. Transcorridos que vão três, a posição da Académica amadora está definitivamente consolidada. Há uma consciência definida. Sabe o caminho que pretende trilhar. Desportivamente, tem uma obra interessante, em permanente valorização. Financeiramente, segue a pisada das congéneres: não consegue ter desafago e em variadas circunstâncias valem-lhe os mais dedicados e... beneficiados!...

Trocamos umas rápidas impres-

sões com um dos fundadores da Associação Académica da Amadora e que foi o seu primeiro presidente de Direcção, um homem que ao Clube tem dado preciosa parcela do seu tempo e da sua inteligência: Eduardo Loureiro.

Começou por nos dizer: — O meu maior desejo é que a A. A. A. progrida, triunfe e se imponha. Felizmente que, até agora, só há motivos para me considerar satisfeito. A ascensão tem sido lenta, mas não esqueço que de vagar se vai ao longe.

— No hockey patinado a Académica ocupou um lugar de relevo...

— Sim. Desde a sua fundação constituiu a modalidade número um. As nossas classificações têm sido boas e temos «discutido», muitas vezes vitoriosamente, com os melhores. Mas poderemos fazer mais, porque a matéria-prima é boa, desde que tenhamos um «rink» nosso. Como sabe, temos utilizado do recinto dos Recreios Desportivos, colectividade à qual estamos gratíssimos, pela gentileza e elevado espírito de camaradagem de que tem dado provas.

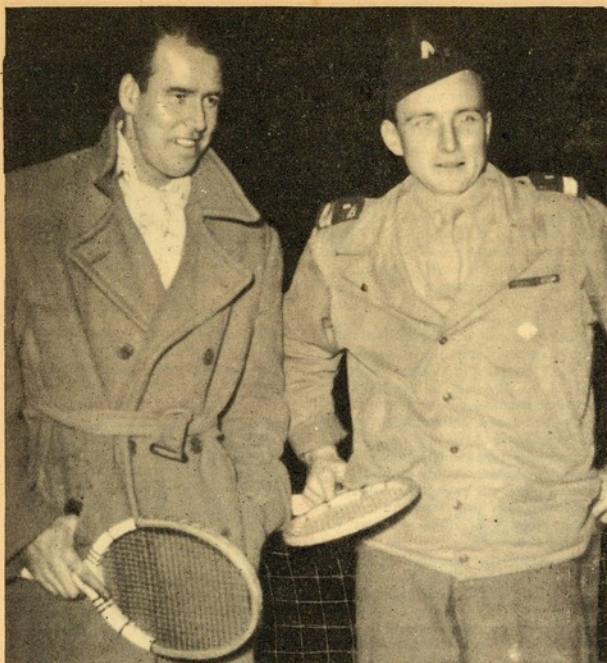
— Além do «hockey» em patins...

— A Académica pratica o «basket-ball», mas também já adquiriu situação meritória, o «volley» e o «tennis» de mesa. Val, todavia, dedicarse a outras modalidades...

—...que são...

—...O rugby e o atletismo, aproveitando a também amabilíssima cederência do óptimo campo do Estrêla Amadora F. C., enquanto, claro,

(Continua na pág. 14)



Dois campeões de ténis

O célebre jogador de «tennis», Destremaeu, official do exército francês condecorado com a Legião de Honra, disputou recentemente, em Paris, uma sensacional pejeja, a favor dos soldados feridos, contra o grande campeão Ivon Petra, que vemos à esquerda.

O hockey em patins periga, em Paço d'Arcos?

a primeira entrevista do guardião

Emídio Pinto

— Com tudo isto que lhe disse, já vê que o Paço de Arcos está na iminência de perder momentaneamente a boa posição que alcançou no «hockey» em patins!...

— Ora, Emídio, se está de acôrdo, vamos recapitular...

— Pois não...

— Dizia então que o «fesea» Vieira...

— Sim, o Vieira parece na disposição de casar e segundo nos consta deixará a competição.

— Entende que o casamento é incompatível com o desporto?

— Trejeito negativo de Emídio Pinto.

— Não sou casado. Ignoro o que me sucederá amanhã. Creio todavia, que não há qualquer incompatibilidade. Mas enfim, são maneiras de ver e sentir, discutíveis, mas sempre defensáveis!...

— Bem, adiante. Quanto ao avançado Raposo...

— O Raposo vai morar para a Amadora...

—...De maneira que jogará pelo clube local...

— Não, não. Pensa ingressar no S. L. Benfica.



— O Jesus Correia...

—...Como anda influenciado pelo futebol e está na turma de honra do Sporting, tem outras responsabilidades e já declarou que não poderá dar uma colaboração efectiva ao grupo! Como vê, são três baixas importantes!...

— Não há dúvida. Mas o Emídio também já não mora em Paço de Arcos...

— Pois não. O que não quero dizer nada. Continuarei no meu clube de sempre. De resto, Paço de Arcos é aqui a dois passos...

— Isso é verdade. Perante essa possível crise, o que fará o clube?

— Não sei. A Direcção é que compete resolver o problema...

— Fará subir à categoria de honra, as reservas...

— Certamente.

— Porque, há bastantes novos com habilidade...

— Há sim. O que lhes falta, evidentemente, é prática. Mas virá com o tempo!

— Falemos agora de si...

— De mim?

— Quando começou a jogar?

— Em 1939. Estive na «Reserva» até 1944, ano em que subi à primeira categoria.

— Gosta do seu lugar?

— Não senhor. O guarda-rêdes explica sempre as culpas, de que os colegas muitas das vezes foram os causadores. Preferia ser avançado!

— Na sua carreira há títulos de campeão...

— Fui duas vezes campeão de Lisboa e de Portugal. Fui e ainda sou!

— Que idade tem?

— 21 anos.

— Muito novo. Cheio de aspirações, claro...

— Algumas, talvez...

— Por exemplo...

— Ser «internacional». Gostava de experimentar...

— O «hockey» patinado já lhe proporcionou alegrias e decepções...

— A maior alegria tive-a o ano passado, na recepção que nos fizeram em Paço de Arcos, quando regressámos do Porto, com o campeonato nacional. Decepções cito duas, contra o Académico do Porto. Em 1943 fomos batidos por 9-3. Em 1944, por 3-1. Entre estas duas derrotas, fizemos 42 jogos sem derrotas, vencendo 40 e empatando dois!...

— O Académico foi um desmancha-prazeres!...

— Prática mais algum desporto?

— Não. Só «hockey» em patins. Sou apolista convicto da especialização. Contrário, em absoluto, ao ecletismo!...

Quando as raparigas voltarem a querer...

O desporto feminino há muito tempo que não dá sinal de si. Hoje, apenas sabemos de torneos de «tennis» e de tiro, onde entram senhoras, de mesa, e do tranqüilo e salutar ciclo-turismo.

No atletismo, no «hockey» em campo e até na própria patinagem, há muito que as raparigas não aparecem. E, todavia, vão sómente passados cinco anos aquelas modalidades estavam em prometedor desenvolvimento.

Existiam secções em clubes da capital como, por exemplo, no Internacional, Benfica, Sporting, Belenenses; noutros, na margem esquerda do Tejo, como em Almada e no Barreiro. O Algarve também ensaiou tímidos passos no desporto feminino.

No Norte — quem não estará lembrado? — havia dois clubes exclusivamente de raparigas: o Fémina e o Feminino. Mas o Sport Clube do Porto, o F. C. P. e, salvo erro, o Académico, tinham secções femininas e estimulavam-nas com interesse.

Uns acabaram. Caso do Fémina e do Feminino. Ficou apenas um perfume de saudade e uns quantos nomes de convictas pioneiras para a recordação. Outros deixaram fenecear as respectivas secções. Casa das Agremiações lisboenses e da outra margem? O abandono gradual foi fazendo perder o sentido da emulação e da competição. Até que chegámos ao momento presente — em que nada já existe de positivo!

Intencionalmente, deixámos para última citação a única colectividade feminina de Lisboa: o Gíndio Feminino de Portugal, obra interessantíssima, que durante quatro anos manteve um ritmo de trabalho muito apreciável, mas que quasi de súbito — secou!...

Supunhamos, mesmo, que se tivesse dissolvido discretamente, uma vez que a persistência das suas últimas abencerragens não encontrava ambiente; alguma coisa fizemos para sustentar o fogo sagrado. Batemos a tecla com insistência e convicção, utilizando os mais variados processos jornalísticos e as enormes possibilidades da Rádio. Tudo baldado. O Gíndio Feminino, o único que ainda se mantinha com vida, perdia-a pouco a pouco, ao ponto de, como dissemos, nos dar a sensação de que se tinha extinguido.

Afinal, o G. F. P. marcou a sua Assembléa Geral para o dia 30 do mês passado. Soubemos também que estão abertas as inscrições para as classes de ginástica. Situação evidente de vida.

Resta agora que a simpática colectividade vá dando notícias suas e quebre, de vez, o silêncio em que tem permanecido. É preciso reagir. Chamar a si novas agremiadas. E voltar a ter uma séde própria — que de há muito «morar» em casa de uma das suas dirigentes!

Por último, uma pergunta, minhas senhoras: não será possível reconduzir-las à prática dos desportos, trazê-las ao confortável sacerdotio da educação física, mormente aquelas que não são poucas — que frequentam os ginásios e dispõem de uma preparação que é já realidade?

A decisão, o balanço inicial é o mais difícil. O resto, depois — é fácil!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

PARA terminarmos este resumo da acção desenvolvida pelo governo holandês no exílio referir-nos-emos à sua composição inicial, às forças militares que foi possível organizar, imediatamente, sob as suas ordens, ao concurso dado pela economia e pela marinha mercante holandesa para o esforço de guerra dos Aliados, e, sobretudo, à importância decisiva de que se revestiu o auxílio das Índias Orientais durante a primeira fase da luta contra o Império japonês.

Inicialmente, era a seguinte a composição do gabinete holandês que se refugiou em Londres, com a rainha Guilhermina e os restantes membros da família real: Prof. P. S. Gerbrandy, chefe do governo e ministro das Colónias; Dr. E. N. van Kleffens, ministro dos Negócios Estrangeiros; H. van Boeyen, ministro da Guerra; almirante Furstner, ministro da Marinha; G. Bolkenstein, ministro da Educação; Dr. J. W. Albará, ministro das Finanças e das Comunicações; P. M. Kersten, ministro do Comércio; Dr. J. van den Tempel, ministro dos Assuntos Sociais; Dr. J. van Angeren, ministro da Justiça; e um ministro sem pasta, o dr. Michiels van Verduyen.

Destas individualidades, a do chefe do Governo, prof. Gerbrandy, e a do ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. van Kleffens, eram as mais conhecidas. Sobre o último gozou sempre uma reputação justificada pelas suas qualidades de bom senso e tacto diplomático. Durante o período prolongado da ocupação, a sua voz fez-se ouvir por mais de uma vez, em defesa e justificação, eloquente da causa do seu país e da causa dos pequenos povos, a qual encontrou sempre nêle um advogado caloroso, inteligente e de argumentos convincentes.

O gabinete holandês no exílio tinha assegurada a representação de todas as correntes de opinião pública holandesa tal como se manifestaram antes e depois da ocupação. Ao contrário do que aconteceu com outros países, o Governo holandês, que tinha a sua sede em Londres, manteve sempre um estreito contacto com o movimento de resistência interior, o que serviu para reforçar a sua posição, em todas as negociações em que se viu empenhado, e evitou, na Holanda, o espectáculo lamentável da luta entre as forças da resistência e da emigração que acompanhou, em vários casos, a libertação dos países ocupados da Europa.

AS FORÇAS MILITARES NO EXÍLIO

Embora não fosse muito volumosa, dadas as dificuldades encontradas de

pois da ocupação e o carácter pacífico da população, o Governo holandês no exílio conseguiu organizar, rapidamente, uma participação activa das forças militares do seu país ao lado dos Aliados. Na Grã-Bretanha organizou-se a brigada «Princesa Irene» composta por elementos que conseguiram, no meio de dificuldades compreensíveis, abandonar o país e alcançar o solo britânico. Esta força foi devidamente organizada e equipada com material inglês. Mais tarde foram incorporados nela muitos cidadãos holandeses que viviam no estrangeiro, especialmente em Inglaterra, os quais acorreram ao chamamento do seu Governo e das autoridades militares do seu país.

Os cidadãos holandeses entre os 20 e os 35 anos foram chamados a prestar serviço militar. Mais tarde, em Janeiro de 1942, foi publicado pelo governo real um decreto determinando o chamamento às fileiras de todos os indivíduos de nacionalidade holandesa residentes no estrangeiro com mais de 40 anos. Pôde assim constituir-se uma força relativamente apreciável, para assegurar a representação da Holanda no esforço de guerra comum e na libertação do território nacional.

Quasi todas as unidades da Armada Real holandesa conseguiram deixar as águas do seu país, em seguida à ocupação, e refugiar-se nos portos britânicos, onde se prepararam para continuar a luta incorporadas na Royal Navy sob um comando holandês. Parte dessa esquadra encontrava-se ou foi enviada para as águas do Extremo Oriente, onde prestou excelentes serviços na Primavera de 1942 durante a primeira fase da guerra naval contra o Japão. Outra parte ficou nas águas europeias e lutou brilhantemente ao longo de todo o período de guerra. Finalmente, há que considerar a contribuição trazida aos Aliados por algumas unidades da marinha de guerra holandesa que se encontravam em acabamento, nos estaleiros do seu país, e conseguiram alcançar portos britânicos onde foram concluídas, entrando mais tarde em serviço. Deve também mencionar-se a contribuição valiosa dada ao esforço de guerra aliado pelos navios da marinha mercante holandesa e pelas forças de aviação terrestre e naval que se distinguiram em mais duma ocasião.

AS COLÓNIAS HOLANDESES NA GUERRA

O arquipélago das Índias Orientais holandesas constitui um dos mais ricos e valiosos domínios coloniais de todo o mundo. A sua superfície, a sua posição geográfica, a população, com a sua variedade e as suas caracte-

terísticas, o valor estratégico das ilhas que o compõem, as riquezas económicas e os recursos de toda a espécie que encerra, fazem dêsse arquipélago um motivo de cobiças imperialistas e de apetites estranhos. Apesar de todas as tentativas, mais ou menos disfarçadas, de expoliação que se têm sucedido no decurso do tempo, a Holanda conseguiu realizar nesse império ultramarino uma invejável obra civilizadora e colonizadora que constitui a melhor e a mais expressiva justificação dos direitos que invoca sempre que se desenhem, na atmosfera internacional, quaisquer perigos ou ameaças.

As intenções do Japão em relação a esse império não constituíram nenhum segredo nem ofereciam matéria para dúvidas quando o conflito, iniciado na Europa, se estendeu ao Pacífico durante o inverno de 1941-42. Essas intenções, favorecidas pelos acontecimentos, tiveram ocasião de se traduzir praticamente por uma ocupação prolongada da qual os japoneses puderam extrair os melhores elementos com que têm alimentado a sua resistência durante mais de três anos de luta.

Os metais e os carburantes, o açúcar, as oleaginosas, o chá e o tabaco são outros tantos produtos que o arquipélago das Índias Orientais encerra em quantidades quasi inesgotáveis e que foram largamente utilizados pelas autoridades nipónicas de ocupação para reforçar a posição económica da metrópole, enfraquecida pelos ataques de ingleses e, sobretudo, de americanos, no Pacífico. Mas antes que essa ocupação se produzisse, os holandeses que ali se encontravam, forças do exército, da marinha e da aviação, apodadas pela população indígena que tem sentido os benefícios da colonização holandesa, lutaram duramente e reorganizaram-se mais tarde para a reconquista do arquipélago agora em caminho de realização. A figura predominante dessa resistência foi o governador geral van Mook, um administrador colonial de grande envergadura que, em seguida à ocupação do arquipélago, foi nomeado ministro das Colónias do governo holandês de Londres.

O FUTURO DA HOLANDA

De todos os países que suportaram um regime prolongado de ocupação, a Holanda, que o suportou na metrópole e no domínio colonial, é certamente o que revelou maior equilíbrio e melhor saúde colectiva, e é portanto aquêle que, sob o ponto de vista político e económico, se encontra em condições de realizar uma recuperação mais rápida e eficaz.

É certo que os estragos produzidos pelos ocupantes, tanto na metrópole como nas colónias holandesas, são profundos e alguns mesmo podem vir a revelar-se irreparáveis. Os holandeses do nosso tempo, que se lançaram desde a primeira hora num vigoroso movimento de resistência, não ignoram a extensão nem a gravidade dessas dificuldades. Todos eles sabem que têm uma pátria a refazer, mas ignoram se o solo dessa pátria será o mesmo que existia à data em que se iniciou o conflito.

Entretanto, a estabilidade das suas instituições políticas, o vigor das suas crenças religiosas, a saúde da sua economia e das suas finanças, o equilíbrio moral da sua cultura e das suas virtudes cívicas e domésticas contribuíram, durante o período doloroso que a humanidade tem atravessado, para confirmar a impressão de que a Holanda era um dos países mais felizes e prósperos do mundo, e que o seu povo continua a ter todas as qualidades para que a situação, relativamente privilegiada, de que disfrutava antes da guerra, possa ser recuperada em nome dos sacrifícios que suportou, da bravura de que nunca deixou de dar provas e de uma consciência colectiva que, no decurso da história, sempre dominou a adversidade.

(Continua)



O Dr. Gerbrandy, Primeiro Ministro do Governo holandês que, em 1940, se transferiu com a rainha Guilhermina para Londres.



O almirante Furstner, comandante supremo da Armada holandesa e ministro da Marinha, na altura em que a Holanda capitulou.

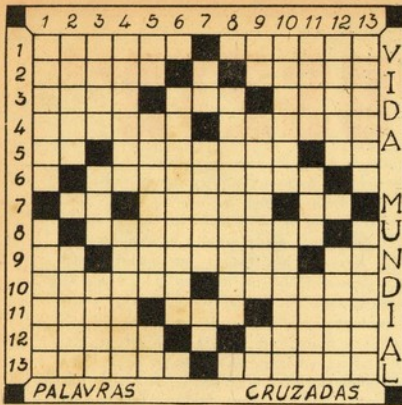


Van Mook, governador geral das Índias holandesas, foi a alma da resistência, depois nomeado ministro das Colónias.



À direita da foto, vemos o príncipe Bernardo, casado com a princesa herdeira do trono da Holanda, e que tanto contribuiu para a organização das forças externas holandesas, para a continuação da luta ao lado das Nações Unidas.





Palavras Cruzadas

Problema n.º 5

Por António Logrado Figueiredo
(Domínio Vermelho)
(Pôrto)

HORIZONTAIS: 1— Ocultar; finório. 2— Tornar côncavo; títulos dados aos indivíduos de certa casta nobre. 3— Vila de Portugal; preposição; feitiço. 4— Atormentara; adelgaçar. 5— Distar; acabamentos; graceja. 6— Trejeitos próprios de macacos. 7— Nota musical; utensílio para lavrar a terra; indivisível. 8— Soma geral. 9— Neste lugar; inspetores; crença religiosa. 10— Humilha; família de peixes que tem por tipo o lúcio. 11— Sincero; igrejas episcopais; comprimento de vérga num navio. 12— Indivíduos enfeitados com flores; acontecera. 13— Frutos brasileiros; pantomimas.

VERTICAIS: 1— Fome canina; pacífica. 2— Banhar; cobrir de areia. 3— Garantia de pagamento duma letra; dificuldade; fronteira. 4— Cessara; ornatos ovais dos capitães nas ordens lóncias. 5— Aspecto; enfeites; apelido. 6— Condiscipulos. 7— Pedra de amolar; respeito; preposição. 8— Assassinos. 9— Clima; maus cheiros; neste lugar. 10— Envolvôrto; Deixar só. 11— Anual; transpiro; lugar de embarque e desembarque de pessoas e mercadorias. 12— Deslumbrar; barbúrdia. 13— Apellido; soaheiras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4
(Concurso)

HORIZONTAIS: 1— Baco; fel; tela. 2— Arar; ole; imos. 3— Adiu; zoo. Rita. 4— Loas; luz; oras. 5— Aba; meros; lua. 6— Bel; asaro; iró. 7— Uma; sacra; sós. 8— Pira; são; bote. 9— Eros; bar; edil. 10— Lias; Eva; teta. 11— Assa; los; aros.

VERTICAIS: 1— Baal; abu; pela. 2— Ardo; bem; iris. 3— Caia; ala; roas. 4— Orus; mas; assa. 5— Foz; lessas; bel. 6— Elo; uraca; avo. 7— Leo; zorro; ras. 8— Tiro; soa; beta. 9— Emir; lis; Order. 10— Lota; uro; Tito. 11— Asas; aos; elas.

SOLUCIONISTAS DOS PROBLEMAS N.º 1, 2, 3 e 4 DO CONCURSO

José Rodrigues Correia (Viseu), Engenheiro Alfredo José Ferreira (Pôrto), José da Silva Campos (Guarda), Gregório Nunes (Lisboa), Eurico Fragoal Alves (Coimbra), Vasco Rodrigues Pinhel da Encarnação (Coimbra) e António Ilídio Assis da Veiga (Lisboa) e Elísio Dias Cordeiro (Pôrto).

MORREU O JORNALISTA QUE INVENTOU HÁ 33 ANOS, AS PALAVRAS CRUZADAS

Morreu há dias o jornalista inglês Arthur Wynne, que ficará na história do nosso tempo como inventor do passatempo mais popularizado hoje em todo o Mundo: as palavras cruzadas.

Wynne, que nasceu em Liverpool, emigrou para a América e estava encarregado de organizar uma página de passatempos no jornal «New York World» quando lhe ocorreu a idéia de apresentar à argúcia dos seus leitores um problema de palavras cruzadas. Sucedeu isso em 1912, o que quer dizer que esse género de quebra-cabeças tem hoje 33 anos de idade. O êxito nos Estados Unidos foi imediato. Wynne teve logo imitadores em todas as revistas e jornais americanos. Mas só doze anos mais tarde é que a novidade chegou a Inglaterra. Foi o «Sunday Express» que em 2 de Novembro de 1924 apresentou nas suas colunas o primeiro problema de palavras cruzadas que se publicou na imprensa britânica. O próprio «Times» não tardou a adoptar a idéia, primeiro no seu suplemento semanal e depois na edição quotidiana.

Uma estatística organizada recentemente em Inglaterra prova que, apesar das fadigas que o esforço de guerra impõe, quatro por cento dos habitantes encontram sempre tempo

e disposição para resolverem diariamente um problema de palavras cruzadas.

(Diário de Notícias, Janeiro 1945)

Damas

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

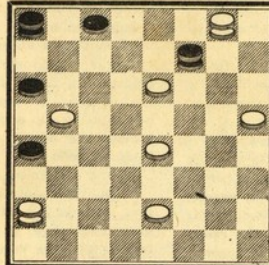
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 39 (Problema)

«La Provincia», 8/2/1945
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Fixe II»

Pretas: 2 «damas» e 3 «pedras».



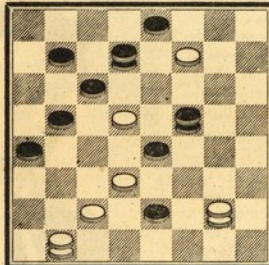
Branças: 2 «damas» e 5 «pedras». Mate em 6 jogadas.

COMPOSIÇÃO N.º 40 (Problema)

«La Provincia», 8/2/1945
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Orions»

Pretas: 2 «damas» e 7 «pedras».



Branças: 2 «damas» e 4 «pedras». Mate em 6 jogadas.

RECTIFICANDO

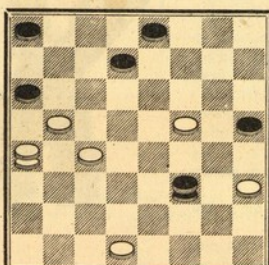
Conforme prometemos publicamos hoje, novamente, a composição n.º 31, já devidamente rectificada.

COMPOSIÇÃO N.º 31 (Final artístico)

«La Provincia», 11/1/1945
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Fahfas»

Pretas: 1 «dama» e 5 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 5 «pedras». As brancas jogam e ganham.

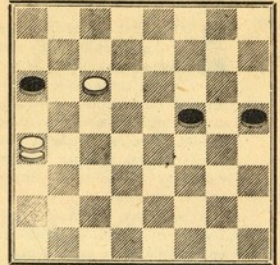
Também publicamos hoje a composição n.º 33, que deixámos de publicar na altura devida por não estar em condições:

COMPOSIÇÃO N.º 33 (Final artístico)

«La Provincia», 18/1/1945
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Sheik Sépia IV»

Pretas: 3 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 1 «pedra». Brancas jogam e ganham.

DR. CARLOS RODRIGUES LAFORA

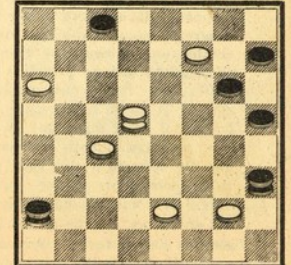
Todos que desejem corresponder-se com o nosso prezado amigo Dr. Carlos Rodrigues Lafora, devem fazê-lo para a sua nova residência: Anzófé n.º 69 — Puertas de La Luz — Las Palmas — Espanha.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 11

Por Manuel Pinto da Silva (Pôrto)

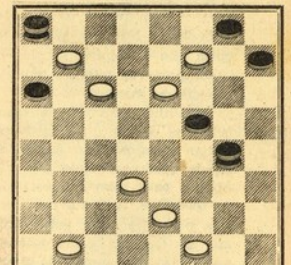
(Dedicado a David José Quintas, como autor do «tema» desta produção)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 12

Por António Eduardo Igrejas (Melgaço)



Jogam as brancas e ganham.

Nota — O autor dedica este seu trabalho ao Ex.º Sr. Tenente Manuel José Domingues Peres (Melgaço).

Torneio de «damas»

Terminou o «Torneio de Preparação» realizado em Ovar. Foi uma boa jornada de propaganda e redundou num êxito. Os finalistas classificaram-se pela ordem que segue:

1.º José Polónia Figueiredo (campeão local). 2.º Mário Matos, 3.º Dr. João Pais, 4.º Dr. José Carvalho da Silva; 5.º António Lopes, 6.º José de Oliveira Soares, 7.º Manuel Pepulim, 8.º Joaquim Belo Correia Dias.

Está agora a realizar-se o Campeonato local de reservas, que é disputado pelos «damistas»: Afonso de Sá, António Fernando Sobreira, António Laranjeira, Francisco Alcáida, Carmindo Costa, José Evaristo Pinto, António José Simas, Manuel Correia Dias, Mário Caridade e Vitorino Almeida. Findo este, iniciar-se-á o Campeonato da categoria de honra.

APP

Rainha da Hungria

OS PRODUTOS DE BELEZA HA' MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

M.º CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

FUMADORES

Podels fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como tições, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29 — Pôrto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.º, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º-Dir.º. Telefone 43582.

VERO VERITAS

Não peça a sorte...
peça
Niepoort

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 84 da Bandeira, 100, 3.º — LISBOA

UMA NOITE NA "PUSZTA"

Novela de LUISA MEHER

A Hungria ocupada... o drama húngaro... As «manchettes» dos jornais trazem estes grandes títulos sensacionais, a rádio comenta o acontecimento, não se fala de outra coisa. A Hungria... Este nome evoca tanta coisa maravilhosa!...

Budapeste, a cidade dourada, os tziganos e a sua música dolente, os vinhos capitosos, as rosas, as mulheres de lindos olhos, o Danúbio, a «puszta»...

A «puszta», a planície infinita, a terra de poesia, de lenda, de mistério. Um dos nossos compatriotas, o engenheiro Paul Gay, viveu ali a mais inexplicável aventura, breve e chela de ternura, como ele próprio diz, quando lhe pedimos para a recontar.

E, entretanto, ele podia muito bem falar, contar as coisas assim mesmo, com toda a simplicidade. Suponhamos que Paul Gay dizia assim:

— Era por uma linda noite de verão. Eu e Hubert Bury seguimos de automóvel através da «puszta». Hubert residia na Suíça e começava a criar nome nas letras. Era a pessoa mais encantadora que pode imaginar-se: jovem, cavalheresco, um homem de sociedade, cheio de fantasia e de alegria espumante. Tínhamo-nos conhecido no colégio e assim que me fixei na Hungria, começamos uma longa correspondência. Gostava muito dele e, para sua desgraça, naquele ano convidara-o a ir passar comigo uns quinze dias. Hubert foi cheio de entusiasmo. Era no princípio do verão, havia muito calor, mas o meu amigo gostava do sol como gostava de tudo quanto brilha e alumia. De resto, devo dizer que tudo o encantava, que festejava quanto a vida lhe oferecia e que ele oferecia à vida tudo quanto era para si um motivo de prazer. Aquêles a quem o apresentei, imediatamente ficaram presos do seu encanto e, em sua honra, logo foram organizados bailes, festas, caçadas, que sei eu! E como ele se divertia!... No entanto, uma noite disse-me:

— Perdôa, Paul, não te melindres, mas vi já bastante de Budapeste, bebi bastante «tokais», dancel já com muitas e lindas mulheres... Mas, agora, queria outra coisa, queria ver a «puszta»... Não sei, parece que há qualquer coisa que me chama...

Há palavras que, só por si, encerram uma espécie de magia...

Eu tinha percorrido a «puszta» quando os ceifeiros regressam e os duros ventos se preparam para zumbir. Agora, era verão. Como hei-de descrever tudo que vimos? Sou engenheiro, para mim a poesia são os números e as fórmulas. As palavras parece que não faltam para descrever estas terras, desdobradas até ao infinito, estes horizontes onde uma poeira de ouro confunde a terra com o arco do céu, estes horizontes onde às vezes até parece agitar-se uma miragem...

Durante horas, não se vê nem vivalma. Depois, de repente, surgem-nos rebanhos de carneiros, guardados por pastores taciturnos. No verão, os homens abandonam as suas grandes capas de peles e usam blusas bordadas e brincam com palhinhas entre os dentes. Depois, para lá dos grandes rebanhos, vinham os trigos, as cearas prontas para as ceifas. Tudo dum outro ondulante, vivo, de um esplendor indiscreto.

— «A cabeleira de Demeter!» — dizia Hubert.

As vezes distanciava-se uma aldelazita pelo perfume forte e delicado que os ventos nos traziam, porque todas as rosas estavam, então,

abertas. Como eram belas as mulheres, à luz soberba daquele dia! Nós admirávamo-lhes os rostos largos, os lindos braços morenos, os grandes olhos, feitos para abranger os grandes espaços.

— Que livro vou escrever! — repetia sempre o meu amigo.

Porque ele próprio não sabia que ia ser riscado do livro da vida...

Mas nós tínhamo-nos esquecido do tempo: Hubert devia tomar o combóio, com destino à Suíça, no sábado seguinte. Resolvemos, por isso, continuar viagem durante a noite inteira — o que era ainda um espectáculo de maior beleza. Na nossa frente, a planície parecia um deserto. A lua brilhava para cima do horizonte e as estrelas também. «O vestido bordado de Deus», dizem os tziganos, quando falam do céu.

Nunca tínhamos encontrado um ar assim!

— Queria seguir assim a vida inteira, sempre, sempre!... — dizia Hubert, que ia ao volante. — Repare, lá ao fundo, dá a impressão que as estrelas dançam sobre o prado.

Entretanto, não eram estrelas. A medida que nos aproximávamos, esses focos tornavam-se maiores.



«Hubert era um jovem de sociedades»...

— Serão os pastores? — perguntávamo-nos. Meu amigo propôs:

— Deixamos o carro aqui ao lado e vamos ver? Esta noite não é igual a nenhuma outra!

Na nossa frente, estava um acampamento de tziganos. Cavalos magros pastavam. Os róis faziam um grupo sombrio. Um pouco mais longe, brilhavam as fogueiras altas e claras na noite tranqüila. O povo errante não dormia: na «puszta» andavam os seus segredos, batavam os efúvios de um ardoroso mistério... Aquela gente estava sentada em semi-círculo, e dois rapazes de magnífico aspecto dedilhavam violões, e, no meio do círculo, uma linda rapariga dançava.

E em que tom melodioso cantavam os violões e a voz da rapariga que se meneava lânguida e batendo as mãos!... Até parecia que os próprios archotes influiam sobre os nossos nervos... A rapariga era a beleza, em carne e osso — uma beleza selvagem. Os seus pés nus, enterravam-se na erva, a sala vermelha enrolava-se-lhe nas pernas bem torneadas e de tornozelos finos. Por vezes, toda a troupe a acompanhava em côro. Nós retinhamos a respiração, no receio de perturbar aquela cena maravilhosa e empolgante. Estávamos na sombra e ninguém nos tinha visto. Disso tínhamos a certeza. E, no entanto, de repente, a rapariga acabou de cantar, voltou-se para nós e veio na nossa direcção. Nós e o bando estávamos estupefactos. Porém, devo dizer: ela não nos disse nem uma palavra. Devese diante de Hubert, inclinou a cabeça para trás, como que para o ver melhor... Trazia apenas a saia e, sobre os ombros, uma «chemisette» branca, a deixar adivinhar as linhas do seu corpo jovem e forte. Uma rosa vermelha pincava-lhe o peito. Mas a rosa era menos vermelha do que os seus lábios.

Por fim, ela disse de uma voz rouca:

— És então tu? Eu sabia que uma noite virias...

Hubert não compreendia, e eu tive de traduzir. A cigana continuou:

— Vem! Vem dançar comigo!

Hubert sorriu e sacudiu a cabeça:

— Tenho de estar no sábado em Budapeste! Ela estendeu a mão morena e agarrou a de Hubert.

— Não é preciso que partas já. A desgraça espera-te, se te afastares! — disse ela com violência. — Fica! Só até que o sol nasça!

Mas Hubert sorriu de novo e disse que não. Então, a rapariga arrancou a flor do peito e estendeu-lha.

— Nunca mais voltarás a ver a «puszta».

Depois, recuou no seu passo felino de animal selvagem, entrou no acampamento e começou a cantar um canto fúnebre. Nós escutávamos impressionados. Hubert foi o primeiro a falar:

— Vamos, Paul. Em que país vivemos nesta noite?

Pôs a flor entre os dentes e um instante depois rolávamos de novo na planície deserta. O vento era mais frio e parecia repetir aos nossos ouvidos a melodia fúnebre. As primeiras horas da madrugada, alcançámos uma aldeia. Que se passou, então? Nunca o compreendi. Foi um cão, foi um cavalo, foi um homem que amedrontou o meu amigo? Não sei, ele deu uma volta precipitada ao volante, para a direita, para a esquerda... O carro foi precipitar-se lá em baixo... Voltei a mim quasi em seguida. Mas Hubert, com a cabeça esfaclada, segurava ainda entre os dentes a rosa cõr de sangue...

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27